

ABIEF




anos

ABI EF



•••
anos

EXPEDIENTE

Ficha Técnica

ABIEF

Associação Brasileira da Indústria
de Embalagens Plásticas Flexíveis

Idealização do Projeto

Liliam Benzi

LDB Comunicação Empresarial
ldbcom@uol.com.br

Co-idealização

ABIEF

Coordenação e Realização

Liliam Benzi

Ricardo Torres

Venga Conteúdo
ricardo@vengaconteudo.com.br

Co-realização

Esmeralda Frias

ABIEF

Colaboração

Fabio Mestriner

Braskem

Dow Química

Projeto Editorial

LDB Comunicação Empresarial

Venga Conteúdo

Coordenação Editorial

Marcelo Tárraga

Textos

Daniela Dias

Liliam Benzi

Ricardo Torres

Marcelo Tárraga

Editores

Liliam Benzi – Mtb 19.352

Ricardo Torres – Mtb 47.681

Marcelo Tárraga - Mtb 45.364

Projeto Gráfico e Diagramação

Felipe Ramos Ribeiro

somarfr@gmail.com

Impressão e Acabamento

Gráfica Eskenazi

eskenazi@graficaeskenazi.com.br

Bibliografia

Brasil PackTrends 2020 (Ital)

Coleção Embalagem Flexíveis (Quattor)

Embalagens: design, materiais,
processos, máquinas e sustentabilidade

(Instituto de Embalagens)

Design de Embalagem – Curso Básico

(Fábio Mestriner)

Design de Embalagem – Curso Avançado

(Fábio Mestriner)

História da Embalagem no Brasil

(Pedro Cavalcanti e Carmo Chagas)

Embalagem, Arte e Técnica de um Povo (Toga)

Fotos

Banco de imagem ABIEF

Fábio Mestriner

Depositphotos.com



*Um paralelo com a história da
embalagem plástica flexível no Brasil*

O conteúdo deste livro é de propriedade intelectual da ABIEF. A reprodução de qualquer material, parcialmente ou na íntegra, só poderá ser feita com autorização prévia.

*CONTÉÚDO

10 INTRODUÇÃO

12 CAPÍTULO I

*HISTÓRIA SOCIAL DAS
EMBALAGENS NO BRASIL*

14
História das embalagens

16
A economia e as necessidades

18
Pós-guerra muda a indústria
de embalagens. No Brasil, JK
impulsiona as petroquímicas

20
Indústria de alimentos,
cosméticos e limpeza
transformam embalagens em
instrumento de marketing

22
Crise do petróleo gera
mudanças e incentiva criação
da ABIEF

24 CAPÍTULO II

*O NASCIMENTO
DA ABIEF*

26
Anos 70

28
Nasce a ABIEF

30
Estatuto: 20 de dezembro
de 1977

32
Primeiros desafios

33
ABIEF na mídia: anos 70

34
Anos 80

36
Plástico mantém presença no
cotidiano nacional apesar de
hiperinflação

38
Demanda de polietileno chega
a 359 mil toneladas

40
Preços em alta desafiam
indústria

42
ABIEF na mídia: anos 80

44
Anos 90

46
Enfrentar a recessão e a
concorrência internacional:
primeiros passos dos anos 90

48
Plano real traz estabilidade
e setor vê novas oportunidades
de negócio

52
ABIEF na mídia: anos 90

56
Anos 2000

58
Inovação marca entrada nos
anos 2000

60
A busca pela tendência

62
União do setor é trunfo para
enfrentar crise financeira
mundial de 2008

64
ABIEF na mídia: anos 2000

68 CAPÍTULO III

GALERIA DE PRESIDENTES

70
Galeria de presidentes

72
Israel Sverner

74
Leonidas Alperowitch

76
Edgar Nami Haddad

78
Sergio Haberfeld

80
Rogério Mani

82
Alfredo Schmitt

84
Sergio Carneiro

86 CAPÍTULO IV

SOCIALIZAÇÃO

90
Almoço mensal da associação

92
Festas e eventos

96

96 CAPÍTULO V

SUSTENTABILIDADE

99
Benefícios ambientais,
econômicos e sociais

100
Embalagem: mocinha ou vilã?

104
Sustentabilidade: a
embalagem como redutora
de desperdício

107
Biodegradáveis

106
Geração de energia

108
Sacolinhas

110
Desde o início, um futuro
promissor

112
Sacolas em risco

115
A reviravolta do consumidor

118
Fontes renováveis

120
A inovação está onde menos
se espera

124
Sup 100% polietileno
é um case de sucesso
desenvolvido no Brasil

126 CAPÍTULO VI

EMBALAGENS E A SOCIEDADE

128
Espírito empreendedor

138
Depoimentos

146 CAPÍTULO VII

*EMBALAGENS FLEXÍVEIS:
DESIGN E FUNÇÃO SOCIAL*

148
Os novos conceitos

150
Embalagens Flexíveis

152
A função social das
embalagens flexíveis:
um panorama evolutivo

156
Cases: a evolução do design
das embalagens plásticas
flexíveis

158 CAPÍTULO VIII

MEMÓRIAS DA ABIEF

160
Memórias da ABIEF

162
A associação como ela é

164
Do consumo à
sustentabilidade

174 CAPÍTULO IX

DIRETORIAS

178
Agradecimentos

→ Introdução

Mensagem do presidente *No passado, a certeza de nosso futuro*

Por acreditar que todo e qualquer resgate histórico é fundamental para pavimentar as bases para um futuro sólido, encabecei junto a esta Diretoria da ABIEF o projeto do Livro ABIEF 35 anos. Sabemos que atitudes e decisões acertadas normalmente dependem de experiências bem vividas e, principalmente, bem contadas. A partir de erros e acertos, histórias boas e não tão boas, damos vida a ideias e ações que podem estabelecer novos marcos no futuro de uma indústria, de uma sociedade, de uma nação.

E é isto que oferecemos neste Livro: conteúdo a partir de histórias e histórias, informações e lembranças.... Não resgatamos apenas a história de nossa entidade; em cada depoimento das pessoas que criaram e contribuíram para a solidificação da ABIEF, notamos nas entrelinhas sentimentos. É a memória viva de uma Associação contada pelos que até hoje acalentam o sonho de ver “o filho” crescer, desabrochar e dar frutos.

O desafio foi dos mais árduos, visto que não tínhamos o direito de esquecer ninguém. Todos aqui citados e que figuram com depoimentos foram tijolos importantes na construção da história da ABIEF. A partir de muita pesquisa bibliográfica, muitos arquivos retirados do fundo do baú e, especialmente, muito “bate papo” regado a nostalgia, coletamos o que julgamos ser a pedra fundamental de nossa entidade.

Não temos a pretensão de gerar um material com fim em si mesmo; sabemos que a ABIEF é viva e igualmente viva é a sua história. Há muito ainda para contar. Mas estamos certos que cravamos um marco em nossa entidade ao dar o primeiro passo para este resgate. Que este Livro inspire as próximas gerações de diretores, empresários e associados a continuar sempre contando novas histórias. O importante é ter em mente que entidades, empresas e instituições não têm vida própria; é a dedicação e a paixão de cada um – profissional, colaborador, empresário, parceiro e associado, que tece e conta cada novo capítulo, cada nova conquista.

Também seguimos a máxima: imagens valem por mil palavras. Ao revirar os baús de nossa Associação, encontramos preciosidades dignas de museu. Fotos e mais fotos que ilustram momentos únicos e contam, por si só, a nossa trajetória. Priorizamos trabalhar com muitas imagens a fim de tornar nosso Livro uma fonte de prazer e uma lembrança quase que instantânea. Olhar e lembrar. Certamente os que vivenciaram os momentos retratados neste Livro experimentarão a deliciosa sensação de recordar, de transportar-se para o passado.

Para as gerações atuais e futuras, ficará a oportunidade de conhecer, aprender e se inspirar no que foi feito nestes 35 anos e que culminou em uma ABIEF sólida, reconhecida e respeitada não apenas em

seu meio, mas no cenário industrial, nacional e internacionalmente, e nas esferas política e social.

Em meu nome e em nome desta Diretoria, obrigado a todos que contribuíram para reavivar e registrar a memória desta Associação nesta obra. Que sua história continue sendo escrita com o mesmo empenho e paixão que tornaram estes 35 anos possíveis e memoráveis.

Sergio Carneiro

PRESIDENTE ABIEF (2013-2015)



CAPÍTULO

UMA HISTÓRIA SOCIAL DAS EMBALAGENS NO BRASIL



História

das embalagens



NA FALTA DE EMBALAGENS INDIVIDUAIS, O PACOTE DE PAPEL E A SACOLA DE PANO ERAM IMPROVISADOS EM CASA. E O CARRINHO DE FEIRA ERA MUITO UTILIZADO PARA AJUDAR A LEVAR A COMIDA PARA CASA.



Depositphotos

A economia e as necessidades

Consumo em alta nos anos 40 implementa uso de sacolas para conveniências individuais

Nos anos 1940, três décadas antes do nascimento da ABIEF, a maneira de se vender alimentos em todo o País era muito diferente da atual, sem a existência de grandes redes varejistas.

Quase tudo era vendido a granel, nos armazém de secos e molhados ou nos empórios – estabelecimentos pequenos e que tinham de tudo um pouco. Nestes locais, as famílias compravam itens como arroz, feijão, farinha e frutas. Os alimentos eram acondicionados em enormes caixas de madeira, latões ou mesmo envolvidos em tecido e pendurados em ganchos que melhoravam sua exposição.

Como a geladeira era um eletrodoméstico pouco comum nas residências brasileiras, as aves, por exemplo, eram levadas vivas para serem abatidas nos quintais privados. E a carne fresca, exposta em pedaços deveria ser consumida rapidamente.



Pós-guerra muda a indústria de embalagens. No Brasil, JK impulsiona as petroquímicas

Materiais flexíveis aparecem com o avanço tecnológico; surge a primeira indústria de polietileno no País

Internacionalmente, nos anos 1950, o cenário pós-guerra mundial influenciou profundamente o setor de embalagens, assim como o de bens de consumo em geral. A herança tecnológica das batalhas possibilitou o desenvolvimento de novos materiais, ao mesmo tempo flexíveis, resistentes e mais duráveis. E alterou o acondicionamento em porções menores. Métodos estes inicialmente desenvolvidos para abastecer soldados norte-americanos onde quer que estivessem em combate.

No Brasil, Getúlio Vargas buscou industrializar o País. Foi em seu governo que a Petrobras foi fundada. Essa ideia surgiu diante de um cenário em que a maioria da população ainda vivia na zona rural (cerca de 70% da população vivia no campo).

Mas a maior mudança vista pelos brasileiros aconteceu a partir do choque de empreendedorismo que viria com a eleição, em 1955, de Juscelino Kubitschek. O novo presidente pretendia fortalecer rapidamente a indústria e gerar riquezas para o País. O lema: desenvolvimento “50 anos em cinco”, como costumava dizer.

Com a necessidade de estruturação do setor de transportes e de energia, a indústria petroquímica foi impulsionada e, nos anos 1950, foi criado o primeiro pólo petroquímico do País na cidade de Cubatão, em São Paulo.

E foi lá que a Union Carbide abriu a sua primeira fábrica de polietileno aqui. No mesmo período, a Indústria Técnica de Artefatos Plásticos, a Itap, inovou com os sacos de lixo para residências, embalagens para adubos, saquinhos de leite e plásticos escuros para proteger plantações na agricultura.

Os novos e práticos autoserviços (como eram conhecidos na época os supermercados) traziam um novo conceito de acomodação dos produtos e de atendimento; não havia mais o balconista para servir e separar os itens e as soluções precisavam ser práticas, o que incentivou o varejo e a indústria a conceber novos modelos de embalagens individualizadas, ainda que de forma tímida.

Competindo na gôndola com produtos de semelhante função e aparência, a embalagem tornou-se também um instrumento de marketing, afinal precisava destacar-se das demais.

Indústria de alimentos, cosméticos e limpeza transformam embalagens em instrumento de marketing

Com a abertura econômica, surgem novas necessidades e demandas de consumo



Até 1960, o celofane – polímero derivado da celulose, era muito utilizado pela sua versatilidade e flexibilidade. Mas com os avanços, não demorou para que o celofane fosse substituído pelo BOPP (polipropileno biorientado). Rapidamente, a utilização do polipropileno espalhou-se pela indústria alimentícia, de cosméticos e de produtos de limpeza, tornando-se uma resina indispensável.

Se por um lado o desenvolvimento efetivamente mudou a cara do Brasil, o preço pago pela iniciativa de JK foi deixar ao fim de seu mandato, em 1961, o país com uma dívida externa dobrada e inflação nas alturas.

Seu sucessor, Jânio Quadros, recebeu o País em um momento de crise e realizou a abertura para a entrada, em grande escala, de empresas multinacionais.



A vinda de outras companhias para o Brasil aumentou a fabricação de embalagens. Com elas, cresceu também a demanda nacional por novos produtos. O contato do consumidor com estruturas mais avançadas esteticamente criou uma necessidade de reinvenção da indústria nacional. A partir de agora, as empresas passariam a priorizar também o acabamento.

O ano de 1964 marcou o desenvolvimento de filmes termocolhíveis sofisticados e os filmes stretch eram bem utilizados. As embalagens de pão, por exemplo, mudaram drasticamente nos anos 1960, resultado do lançamento de máquinas automáticas com bobinas de filme pré-impresso.

Crise do petróleo gera mudanças e incentiva criação da ABIEF

Diante da crise mundial, companhias buscam apoio de vários setores para alavancar a indústria de transformação do plástico, inclusive flexíveis, no Brasil



Depositphotos

Rocke Photos

Até então, apesar das crises, o namoro entre a indústria mundial e os derivados do petróleo parecia não ter fim. Entretanto, nos anos 1970 descobriu-se que o petróleo era um recurso natural não renovável.

Tal constatação, aliada às questões geopolíticas, fizeram o preço do produto praticamente triplicar no final de 1977. Problema intensificado com a Guerra do Yom Kippur, em 1973, em Israel, e com a Revolução Islâmica no Irã, em 1979.

Ainda que a crise internacional do petróleo tenha afetado a economia brasileira e mexido com os ânimos dos transformadores plásticos, ela também abriu novas oportunidades. O Brasil viu que precisava driblar essa dependência do mercado externo e buscar internamente um material de boa qualidade e com preço mais acessível.

As petroquímicas enxergaram na crise uma chance e receberam apoio de vários setores. A Union Carbide passou a ter a concorrência da Poliolefinas. No geral, as novas indústrias viam, cada vez mais, a necessidade de depender menos das importações e de incentivar a expansão do parque nacional de resinas plásticas.

A importância das embalagens plásticas já não poderia ser ignorada e seus líderes queriam maior atenção às suas demandas, melhores preços e margens de negociação. A maior representatividade das demandas do setor, à época, vinha do Sindicato da Indústria de Material Plástico do Estado de São Paulo, que congregava mais de 95% dos transformadores de plástico instalados no Brasil.

Contudo, os empresários ligados aos flexíveis sentiam que suas necessidades não estavam sendo completamente representadas. Resolveram juntar-se para discuti-las em reuniões, feitas em uma sala do próprio Sindicato, e buscar melhorias específicas para seu segmento. Aqueles viriam a ser os primeiros passos para a criação da Associação Brasileira da Indústria de Embalagens Plásticas Flexíveis (ABIEF).

III

CAPÍTULO
O NASCIMENTO DA ABIEF

III

Anos 70

Ata da Assembleia Geral de Constituição da Associação Brasileira da Indústria de Embalagens Plásticas Flexíveis - Abief.
 Aos vinte dias do mês de Dezembro de um mil novecentos e setenta e sete, às 17 (dezoito) horas, no auditório do Hotel Niterói, sito à Rua Lavandeira, 262, nesta cidade, reuniram-se os representantes de indústrias de embalagens plásticas flexíveis, conforme se verifica pelas assinaturas lançadas no livro de presença, e reuniram-se por aclamação dos presentes a presidência e Sr. Israel Szwarc, que convidou a mim Sr. Leonidas Depremitz para secretário os trabalhos, o que aceitei. Dando início à reunião, o Sr. Presidente, disse que, como era do conhecimento dos presentes a situação da indústria, era o de formar uma Associação, com o objetivo entre outros, de concutigar a solidariedade das indústrias fabricantes de embalagens plásticas flexíveis, promovendo sua aproximação. A seguir a palavra foi liberada aos presentes, tendo sido amplamente debatidos os objetivos da Associação, sua forma e elaborados projetos estatutários sociais, que foram adiante aprovados, sendo que os mesmos foram anexos a esta para todos os efeitos, inclusive para o devido registro. O Sr. Presidente lembrou aos presentes, que a Associação reger-se-á pelos estatutos sociais indicados, não podendo fugir ao que nelos se dispuser; passou-se então a escolha da Diretoria da Associação, tendo sido eleita a seguinte Diretoria e Conselho Fiscal: Presidente - Sr. Israel Szwarc, brasileiro, maior, indus-

Arquivo ABIEF

trual, casado, Carteira de Identidade R.G. 1.001.108 C.P.F./M.F. 007.877.411-72, residente à Av. dos Tajurás, nº 356 - São Paulo;
1º Suplente - Sr. Dov Kamenitz, brasileiro, maior, do, casado, Carteira de Identidade, R.G. 5 do Instituto Felix Pacheco, C.P.F./M.F. 257-58 residente à Av. Osvaldo Cruz, apto 501 - Rio de Janeiro; Adjunto - Sr. Benjamin, brasileiro, maior, industrial, Carteira de Identidade R.G. 1.502.019 e 026.828.647-00, residente à Alameda Ipiranga, nº 19 - São Paulo; Conselho Fiscal - Sr. Jacques Niskierski, brasileiro industrial, casado, Carteira de Identidade R.G. 2.068.828 C.P.F./M.F. 007.102.708-44 - residente à Rua Angelina Naffei Vitor, 647 - São Paulo; Membro: Antonio Carlos A. brasileiro, maior, engenheiro, casado, Carteira de Identidade R.G. 1.657.112, C.P.F./M.F. 007.574.858 - residente à Rua João Nogueira, 1594 - São Paulo; Membro: Sr. José Carlos França Carvalho Jr., maior, industrial, casado, Carteira de Identidade R.G. 2.722.098 C.P.F./M.F. 034.975.692-77, residente à Rua Miguel Nelson Beckara, nº 140 - São Paulo; 1º Suplente: Sr. Raymond Dayan, brasileiro, maior, industrial, casado, Carteira de Identidade R.G. 4.340.548 C.P.F./M.F. 116.995.158-91, residente à Alameda Santos, 2529, apto 142 - São Paulo; 2º Suplente: Sr. João Faria Braga, brasileiro, maior, Diretor de Marketing, casado, residente à Rua Castiva, 208, apto 11 - São Paulo;

2º Suplente: Sr. Vinício B. Ferrari, brasileiro, maior, industrial, divorciado, Carteira de Identidade R.G. 1.922.098 C.P.F./M.F. 100.740.408 - residente à Rua Chile, 71 - São Paulo, tendo sido lida a palavra aos presentes, de manifestação, o Sr. Presidente deu a palavra ao presente reunido, da qual foi lida esta, que lida e achada certa, aprovada em todos os seus termos, sendo assinada pelos presentes.

São Paulo, 20 de Dezembro de 1977

Sr. Israel Szwarc

Sr. Leonidas Depremitz

Imagem 1 Ata da Assembleia Geral de Constituição da Associação Brasileira da Indústria de Embalagens Plásticas Flexíveis.

Nasce a ABIEF

O intuito era enfrentar os desafios da economia nacional e encontrar soluções conjuntas para fortalecer os flexíveis no Brasil

Ainda que novas petroquímicas apostassem no Brasil, nos anos 1970, faltava matéria-prima e havia muita disputa pelo mercado. A indústria de flexíveis queria diminuir a dependência das importações. Afinal as duas crises internacionais do petróleo, uma em 1973 e outra em 1979, tinham reflexos no mundo inteiro e não poderia ser diferente para os transformadores de material plástico no País. Representados, em sua maioria, por pequenas e médias empresas de capital nacional, eles dependiam fundamentalmente da matéria-prima para sobreviver. Um dos reflexos do chamado choque do petróleo foi a intensificação da fabricação de eteno, a partir do álcool da cana.

Entre os maiores vilões da economia no momento estava a inflação. Com preços constantemente reajustados, os fabricantes de embalagens que trabalhavam majoritariamente com encomendas, precisavam correr contra o tempo para evitar prejuízos. Acontece que o valor acordado previamente com o cliente estava passível de defasarse, já que matéria-prima, de uma semana para outra, poderia ter seu custo elevado em relação ao cálculo inicial.

Contornar essa situação e encontrar soluções conjuntas, que fortalecessem os flexíveis como um todo, tornou-se a motivação de um grupo que reunia os principais empresários do segmento.

Foto 1 Evento em 1982. Israel Sverner à esquerda



Estatuto: 20 de dezembro de 1977

Israel Sverner assume a primeira presidência da instituição

Engajados, cerca de vinte executivos do setor passaram a reunir-se em uma sala emprestada na sede do Sindicato da Indústria de Material Plástico do Estado de São Paulo para discutir e entender as demandas do setor. Não demorou para perceberem que ganhariam mais força e representatividade para suas demandas específicas se buscassem voz própria; daí a criação da ABIEF, que, pouco tempo depois, passaria a funcionar em uma casa na Rua Funchal, na Vila Olímpia, na cidade de São Paulo.

A composição do estatuto foi no dia 20 de dezembro de 1977, no Hotel Merak, na Av. Lavandisca, em Moema. No local foi realizada a Assembleia de Constituição Geral da ABIEF. Na ocasião, acordou-se que o presidente deveria estar entre as empresas líderes do setor naquele momento.

Eram elas a moderna Itap, representada por Jacques Siekierski, um visionário que apostava em novas tecnologias e máquinas (foi ela a primeira brasileira a embalar leite em saquinhos plásticos, o que mudou completamente o alcance comercial desse alimento). Também estavam no pátio a Plásticos Polyfilm S/A, representada por Leonidas Alperowitch e a Eletro Plastic S/A, de Israel Sverner.

Mas foi o perfil negociador de Sverner um dos motivos determinantes para que fosse o primeiro escolhido como presidente da ABIEF.



Arquivo ABIEF

Primeiros desafios

Produtos com mais qualidade para atender a consumidores cada vez mais exigentes

Com a chegada das multinacionais, o consumidor torna-se mais exigente com as questões ligadas à segurança e começa a cobrar da indústria a garantia de qualidade dos seus produtos.

Já não se admite mais cheiros ou sabores estranhos aos alimentos, o que impulsiona a busca por embalagens mais resistentes e com maiores barreiras aos agentes externos. O plástico passa a substituir cada vez mais o papel, a lata e, em alguns casos, tomou até o lugar do vidro.

Em 1978, foi introduzido o polietileno de baixa densidade (PEBD), por sua transparência, resistência, boa estabilidade e baixa permeabilidade à água quando comparado com outros polímeros. Foi muito utilizado para aplicações em filmes para embalagens industriais e agrícolas, além de embalagens para alimentos líquidos e sólidos, filme laminado e plastificado para alimentos, embalagens para produtos farmacêuticos e hospitalares, brinquedos e utilidades domésticas, filmes encolhíveis. Ele também permitia a mistura com outros termoplásticos.

Nos supermercados, os cortes de carne, queijos, entre outros produtos, começavam a ser disponibilizados em pedaços separados e envolvidos em plásticos com barreiras que aumentavam sua durabilidade.

A fabricante Itap inovou ao oferecer leite em sacos plásticos, como já ocorria na Europa e nos EUA.

A laminação por extrusão também se desenvolveu naquele contexto, mas as máquinas eram muito caras e eram raras no País.

Com a proliferação e consolidação dos supermercados e regularização de normas técnicas, surgiu a necessidade de colocar código de barra nos produtos e, portanto, criar condições para que essa impressão fosse legível em todos os materiais.

ABIEF na mídia: anos

70

Cronologia atrelada à ABIEF

1977 - ABIEF é criada.

◊ Comandado por Ernesto Geisel, que estava no poder desde 1974, o Brasil sofria com a hiperinflação.

◊ Na tentativa de recuperar a economia no período pós Milagre Econômico, lançou-se o II Plano Nacional de Desenvolvimento, que não só piorou o problema como aumentou ainda mais a dívida externa do País. Nesse mesmo período foram inauguradas as primeiras linhas do metrô no Rio de Janeiro e em São Paulo e construída grande parte da hidrelétrica de Itaipu.



1978

◊ Israel Sverner assume interinamente a presidência da ABIEF e é secretariado por Leonidas Alperowitch.

◊ Em Camaçari, na Bahia, é implantado um novo Polo Petroquímico.



1979

◊ Israel Sverner é eleito efetivamente presidente da ABIEF, tempo em que há carência de matéria-prima no mercado.

◊ Em março desse ano, assume a presidência do Brasil, por meio de eleições indiretas, João Figueiredo, que lançou o II Plano Nacional de Desenvolvimento e dedicou-se a incentivar a exportação agrícola.

◊ Com a expansão da agricultura, são necessários mais flexíveis para ensacar fertilizantes e também para a utilização em algumas culturas de arroz, feijão e morangos.

◊ O mundo passava pelo segundo choque internacional do petróleo. “Em 1979, a paralisação da produção iraniana, consequência da revolução Islâmica liderada pelo aiatolá Khomeini, provocou o segundo grande choque do petróleo, elevando o preço médio do barril ao equivalente a US\$ 80 atuais. Os preços permaneceram altos até 1986, quando voltaram a cair durante a invasão iraquiana no Kuwait; o barril chegou novamente ao patamar dos US\$ 40, caindo após o fim do conflito”. Fonte: Folha Online.

Anos 80



Foto 1 Evento em 1982

Foto 2 Posse de Leônidas em 1983

Plástico mantém presença no cotidiano nacional apesar de hiperinflação

ABIEF intercede junto ao governo federal para ajudar pequenas e médias empresas de transformação

OS POLIPROPILENOS CONTINUAVAM A GANHAR NOTORIEDADE. OS TERMOENCOLHÍVEIS PASSARAM A SER FIGURA FÁCIL NAS GÔNDOLAS DOS SUPERMERCADOS FOSSE ACONDICIONANDO ALIMENTOS OU NA FORMA DOS RÓTULOS SLEEVE, QUE PASSARAM A SER COMUNS.

FONTE: REV. PLÁSTICO MODERNO

O Milagre Econômico prometido nos anos 1970 não perdurou e a década de 80 foi marcada por períodos de instabilidade financeira, crise, desconfiança dos investidores estrangeiros e hiperinflação. Assim mesmo, o movimento de expansão dos plásticos na vida do brasileiro continuou acontecendo. De modo geral, eles estavam cada vez mais presentes na vida cotidiana, até nas brincadeiras de criança (a Estrela, em 1987, esbanjava prosperidade, chegou a ser a maior fábrica de brinquedos da América Latina e ganhou o prêmio da Revista Exame no setor de plásticos e borrachas). Mas os plásticos também estavam presentes nos parachoques dos carros, nos novos computadores e nas bolsas de sangue e sondas dos hospitais.

A busca por novas tecnologias nos países desenvolvidos parecia tentar superar as crises anteriores. Estavam em voga, de “injetoras de elevada precisão, metalizadoras a vácuo, envernizadoras, impressoras serigráficas até computadores para controle de qualidade” (via web). O compact disc, produzido por meio de injeção, estava entre as peças que mais fascinavam os jovens. Os polipropilenos continuavam a ganhar notoriedade. Os termoencolhíveis passaram a ser figura fácil nas gôndolas dos supermercados fosse acondicionando alimentos ou na forma dos rótulos *sleeve*, que passaram a ser comuns.



Demanda de polietileno chega a 359 mil toneladas

Instituição apoia implementação de nova unidade de eteno



Foto 1 Evento em 1984

Foto 2 Evento em 1984

Foto 3 Evento no Hotel Transamérica em 1985



A ABIEF avalia que a demanda de polietileno não poderia ser suprida na medida necessária pelos provedores. Segundo relatório da Associação nesta época, a somatória da produção anual dos três maiores fornecedores desta resina - Union Carbide do Brasil, Poliolefinas S/A e Politeno indústria e Comércio S/A, chegava a cerca de 300 mil toneladas. Mas a demanda do mercado naquele ano era de 359 mil toneladas.

Por essa razão, solicita ao governo a priorização do mercado local para evitar a quebra de pequenas e médias empresas de transformação.

Em carta ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial (CDI), a ABIEF apoia a implementação da nova unidade produtora de eteno, a partir do álcool, pretendida pela Union Carbide e que visava aumentar a produção de polietileno de baixa densidade.

Foi nesse período que apareceram as “embalagens assépticas e filmes para tampa de bandejas para o para micro-ondas”. Também passaram a ser comercializadas as flexíveis do tipo *cook in*, que permitia cozinhar a carne na própria embalagem.

Aumentou-se também a utilização do poliéster metalizado para salgadinhos do tipo snack. “A holografia tornou-se uma tendência”. “Um novo tipo de poliéster barreira, conhecido como PEN (polietileno naftalato), provou ter capacidade de proporcionar cinco vezes barreira ao oxigênio do que o PET.

Neste período do País, a política de incentivo agrícola ampliava consideravelmente a utilização da matéria-prima (já que utilizava em larga escala o polietileno de baixa densidade para acondicionamento).

Preços em alta desafiam indústria

Inflação também afeta setor; instituição orienta novos passos para os associados

Como forma de driblar os efeitos da inflação, a Associação pede ao Conselho Interministerial de Preços (CIP) que os reajustes de preço de eteno, propeno, polietileno, polipropileno sejam concentrados em datas básicas: janeiro, abril, julho e outubro.

Em carta ao Ministro Delfim Neto, a ABIEF explicita o problema do aumento vertiginoso da matéria-prima e dos repasses dos reajustes aos fabricantes.

“Os aumentos frequentes estão sempre ocorrendo, pois nossos fornecedores, mesmo quando com pedido em carteira, não atendem

aos preços anteriores, repassando ao mercado, imediatamente, qualquer alteração dada pelo CIP. A situação torna-se ainda mais grave com os períodos próximos ao aumento da nafta, até que haja o repasse em cascata até o polietileno e o polipropileno”, diz documento da associação.

A política nacional passa por mudanças profundas. Em 1986, a ABIEF mostra-se otimista com o plano que visa controlar a inflação. Em comunicado nacional ressalta: “Acreditamos com toda nossa convicção no êxito da reforma monetária, ora implantada, e oferecemos nosso irrestrito apoio ao governo federal”.

Entretanto, diversos planos para salvar a economia falham. E o País passa a viver um período de grandes dificuldades financeiras. Diante dos problemas da época, os executivos da instituição focam seus encontros em busca de alternativas para enfrentar os períodos de arrocho nacional. E enfrentam, em conjunto, um dos momentos mais difíceis da economia brasileira.



Foto 1 Lançamento do Anuário da ABIEF em 1985

Foto 2 Lançamento do Anuário da ABIEF em 1985

Foto 3 Posse de Edgar Haddad em 1985

Foto 4 Posse de Edgar Haddad em 1985

ABIEF na mídia: anos

80

1980

◇ Previsão do consumo de polietileno de baixa densidade, em 1000 toneladas.

ANO	MERCADO TOTAL	MERCADO DE FILMES E EMBALAGENS
1979	292	217
1980	359	268

1981

◇ Israel Sverner é reeleito presidente da ABIEF, após encabeçar chapa única. Naquele ano, a associação já começa a aparecer na imprensa e congrega cerca de 150 empresários.

◇ A Union Carbide investe US\$ 9 milhões na nova fábrica que pretende produzir 40 mil toneladas de eteno. Três meses depois de sua inauguração em fevereiro a fábrica fecha as portas e só viria a reabri-las dois anos depois.

1982

◇ Lança-se o primeiro Anuário da ABIEF com informações para orientar os fabricantes sobre o comportamento do mercado, flutuação de preços e novidades sobre o setor.

◇ A dívida brasileira ultrapassava os US\$ 100 bilhões e o governo pedia ajuda ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

1983

◇ Leonidas Alperowitch, até então secretário e braço direito Israel Sverner, é eleito, após concorrência em chapa única, presidente da ABIEF.

1984

◇ As ações governamentais do presidente João Figueiredo movimentam as exportações, em especial do setor agrícola. Isso melhora a economia, contudo, o setor de embalagens continua passando por instabilidade.

◇ Nos dois primeiros meses daquele ano, segundo reportagem do jornal Folha de São Paulo, as vendas de embalagens plásticas flexíveis surpreenderam positivamente. Mas, nos meses seguintes, o decréscimo nas vendas mostrou que o quadro anterior era artificial e havia ocorrido porque os clientes compraram mais embalagens para estocar e escapar dos repasses do aumento do preço do polietileno.

◇ A política nacional estava prestes a passar por profundas mudanças: milhares de pessoas manifestavam-se nas principais praças públicas brasileiras no Movimento Diretas.

◇ A ABIEF publica o Anuário de 1983-1984 que tem por objetivo ser um documento de referência e traz avaliações da conjuntura, tabelas, gráficos e padronizações.

◇ Novo polo petroquímico de Triunfo passa a operar no Rio Grande do Sul, a 52 km de Porto Alegre.

◇ Em outubro daquele ano, a ABIEF reúne a imprensa para apresentar um código de normas técnicas, criado para ajudar a organizar e profissionalizar o setor que até então trabalhava com diferentes parâmetros de medidas.



1985 a 1990

◇ José Sarney assume como presidente do Brasil no lugar de Tancredo Neves, de quem era vice, e que faleceu antes de tomar posse do cargo.

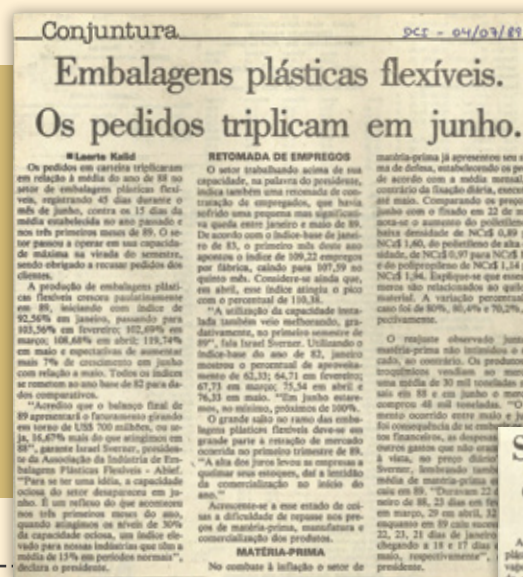
◇ Em 1985 - Edgar Nami Haddad, da empresa Plastunion, assume a presidência da ABIEF. Leônidas se afasta da Associação por incompatibilidade de agendas.

◇ Por volta de 1985, as sacolas plásticas começam a ser utilizadas em supermercados em substituição às de papel.

◇ Em 1986 o plano cruzado, lançado por Dilson Funaro, congelou o aumento de preços e salários pelo período de um ano, estimulando que a própria população vigiasse as remarcações e virasse “fiscal do Sarney”.

◇ Foi no seu governo que houve a aprovação da Constituição de 1988, que definia a livre organização partidária, o fim da censura, o retorno das eleições diretas e da divisão dos poderes; pontos importantes para a reabertura democrática. Após o primeiro período de euforia, a inflação voltou a subir.

◇ Seguiram-se diversos planos econômicos, mas nenhum destes obteve o resultado esperado.



Setor de embalagens amplia produção e espera faturar US\$ 700 mil em 89

De Superpágina Local

CRESCER PRODUÇÃO DE EMBALAGENS PLÁSTICAS
(Embalagens plásticas flexíveis em 1 faturados - índice base 82 = 100)

Associação da Indústria de Embalagens Plásticas Flexíveis, este crescimento da atividade produtiva deve estar acompanhado em todo o setor de embalagens e até mesmo na economia em geral. Sverner diz que as embalagens plásticas funcionam como um termômetro.

Anos 90



Enfrentar a recessão e a concorrência internacional: primeiros passos dos anos 90

Indústria de flexíveis enxerga a necessidade de modernização



Foto 1 Posse de Israel Sverner em 1991

Foto 2 Evento em 1983

Foto 3 Posse de Israel Sverner. Evento em 1993



Em 1989, Israel Sverner volta a presidir a ABIEF. Logo no início dos anos 90, sua gestão busca lidar com os efeitos do Plano Collor, realizando balanços, reuniões e pesquisando maneiras de lidar com a crise.

Naquele momento, antes da divulgação dos planos econômicos, o otimismo tomava conta dos brasileiros que haviam eleito, pela primeira vez após o regime militar, um Presidente de República. Fernando Collor de Mello chegava ao poder por eleições diretas. Com discurso arrojado, o “caçador de marajás” nem bem assumiu e em 1990 tomou decisões emergenciais para lidar com uma inflação que chegava a cerca de 2.000% ao ano.

Segundo o jornal *O Globo*: “O novo governo anunciou então um pacote de medidas para atacar o problema em três frentes: reduzir

a quantidade de dinheiro em circulação, controlar o déficit público e desindexar a economia”.

Mas o polêmico confisco da poupança bloqueou valores acima de 50 mil cruzados que eram remetidos ao Banco Central, que prometia devolvê-los em suaves parcelas já na nova moeda, que passaria a se chamar Cruzeiro. A situação gerou insatisfação e quebra de empresas e a prática levou o País à recessão.

Por outro lado houve a abertura comercial promovida pelo governo, que estimulou a redução das tarifas de importação. Isso forçou a indústria nacional a melhorar sua qualidade e a reduzir os preços para enfrentar a concorrência.



Plano Real traz estabilidade e setor vê novas oportunidades de negócio

A hora e a vez da impressão flexográfica e do stand-up pouch; embalagens ganham cores e formatos



A abertura refletiu diretamente no setor de embalagens e pôde ser notada, mais expressivamente, em 1991 já com o Plano Collor II em voga. Entre outras medidas, ele estabeleceu o congelamento de preços e salários.

As novas exigências do setor empurravam a empresas de transformação a rever suas bases e a preocupar-se em aprimorar a tecnologia para competir nesse novo cenário.

Mas a impopularidade dos planos, a volta da inflação e os escândalos de corrupção que marcaram o exercício de Collor levaram a uma investigação que culminou em seu Impeachment.

Em seu lugar, assume o vice Itamar Franco. Este, já no último ano de seu mandato, lança o Plano Real, liderado pelo Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso. Graças ao seu sucesso em reduzir a inflação, estabilizar a economia e aumentar o poder de compra da população, ele tornou-se o sucessor na presidência no mandato seguinte. Em seu governo, a abertura comercial torna-se ainda mais acentuada.



Foto 1 Posse de Israel Sverner em 1991

Foto 2,3 e 4 Palestra de Mailson de Nóbrega em 1997

A obsolescência das máquinas do setor de embalagens já não podia ser mais tolerada em um contexto de vertiginosas mudanças.

No início da década, os fabricantes nacionais de extrusoras passaram a adotar recursos tecnológicos avançados e a englobar novos processamentos, incluindo, perfis rígidos, tubos, recuperação de materiais já utilizados e filmes.

A presença dos computadores no cotidiano das empresas, o desenvolvimento do setor gráfico e a gama de possibilidades alcançadas com a impressão flexográfica agora chegam com força total ao mercado de flexíveis. Isso leva às gôndolas embalagens com cores variadas que oferecem novas experiências de consumo.

No exterior começam a ser lançadas embalagens flexíveis mais modernas, inspiradas no “doypack”, uma embalagem que podia manter-se em pé por sua base sanfonada. Havia sido inventada três décadas antes, mas só na época ganhava espaço na indústria, rebatizada de stand-up pouch. Mais leves, mais baratas, com barreiras contra luz, umidade etc, elas também poderiam acondicionar alimentos, pasto-



so e líquidos. Elas marcam presença não apenas no setor alimentício, mas também em cosméticos e produtos de limpeza, embora essa participação fosse extremamente tímida no Brasil ainda no final dos anos 1990.

Pressionados por ecologistas e por novos hábitos de consumo ao redor do mundo, os empresários buscavam cada vez mais soluções de baixo custo, que gastassem menos energia para serem produzidas e que, preferencialmente, que pudessem ser recicladas. A embalagem tinha agora mais do que a função de armazenar, transportar, proteger e promover alimentos e bebidas. Ela também precisava mostrar-se mais sustentável para o planeta. Nessa época surgem os plásticos biodegradáveis.



*Palestra de Mailson
de Nóbrega em 1997*

ABIEF na mídia: anos

90



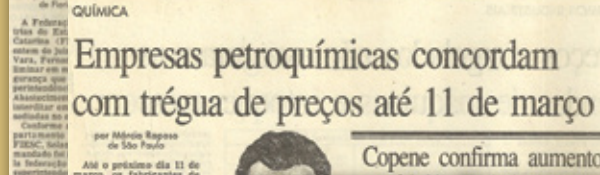
Pacto social é oportuno entre os trabalhadores e empresários



Alíquota menor para baixar preço



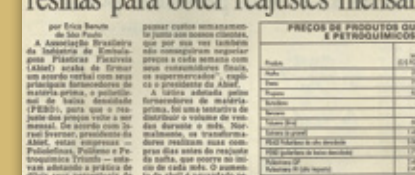
Empresas petroquímicas concordam com trégua de preços até 11 de março



Aumento nos preços das resinas para plásticos adiado por trinta dias



ABIEF fecha acordo com fabricantes de resinas para obter reajustes mensais



As vitórias do acordo automobilístico



Pedidos para janeiro somam 20% da receita do setor de bens de consumo



1990

◇ Israel Sverner, em 1989, volta à presidência da ABIEF.

◇ Segundo a revista Plástico Moderno, houve redução de 3,6% no total de resinas transformadas, em relação a 1989.

◇ As sacolas plásticas, disponibilizadas há cerca de cinco anos nos supermercados, já são acolhidas pelo consumidor e tomam definitivamente o lugar das feitas em papel.

◇ A Warner Lambert desenvolve o Novon, resina com base de amido, e dá o pontapé inicial na era dos plásticos biodegradáveis.

◇ No Brasil, uma parceria entre Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) e Cooperativa dos Produtores de Cana, Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo (Copersucar) estuda a conversão de bactérias que transformam a sacarose da cana em poliésteres, com características físicas e mecânicas semelhantes às de resinas sintéticas como o polipropileno (Agência Fapesp, 2012).

1991

◇ Um ano depois do Plano Collor, o setor ainda amarga altos e baixos que derivam da crise. Como mostram as seguintes notícias:

“A indústria de transformação sentiu o choque na pele. A edição da Brasilplast de 1991 trouxe dados esclarecedores sobre as perdas sofridas. Um exemplo: o nível de empregos do setor caiu de 236 mil vagas em 1989 para 210 mil no primeiro trimestre daquele ano”.

Fonte: Revista Plástico Moderno (via plástico.com.br)

“As resinas plásticas tiveram reajustes de 72% em menos de um mês” *Gazeta Mercantil* de 18.12.1991

“Nafta sobe 414% de janeiro até agosto”. *Gazeta Mercantil*

◇ A abertura comercial promove a entrada de produtos estrangeiros que passam a concorrer em qualidade com os nacionais. “Estamos caminhando junto com a necessidade do mercado, que está bastante exigente em termos de aprimoramento tecnológico”, diz Sverner à *Gazeta Mercantil*.

◇ Buscava-se contornar o sucateamento das máquinas. Eram necessários modelos de máquinas para transformar polietileno linear; a previsão é que chegassem ao Brasil naquele ano.

1992

◇ A Eco 92, conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento foi realizada no Rio de Janeiro e reuniu cerca de 100 chefes de estado em busca de novos modelos de crescimento econômico que considerassem a importância do meio ambiente e da sustentabilidade.

◇ Em setembro, as vendas no setor de embalagens sobem 10%. Mesmo assim, o resultado ainda não satisfaz os transformadores, já que não cobre o prejuízo causado pelas idas e voltas da economia nos últimos tempos.

◇ Impeachment de Fernando Collor de Melo.

1993

◇ A 1ª mudança do Estatuto da ABIEF altera a norma que estabelece para o presidente uma gestão de dois anos e a reeleição por mais dois.

ABIEF 35 ANOS

CAPÍTULO II O NASCIMENTO DA ABIEF

Anos 90

ABIEF na mídia: anos

90



1997

◇ CDs tomam conta do mercado e é produzido o primeiro DVD do Brasil.

◇ No setor de flexíveis, os filmes multicamadas, cujas barreiras especiais protegem o conteúdo contra gases, vapores e luminosidade, passam a ser cada vez mais utilizados para acondicionar massas frescas, hortifrutigranjeiros e carnes. O setor evolui e passa a produzir cada vez mais embalagens coextrudadas e laminadas.

1998

◇ As multipacks (embalagens múltiplas) se popularizam nos supermercados, dando espaço aos filmes termoencolhíveis. Trata-se de um pacote composto por produtos iguais, que têm embalagens individuais, mas que são agrupados por um filme, formando uma única embalagem. São muito utilizadas em ofertas e viram uma estratégia de divulgação e promoção das marcas, em especial nos segmentos de bebidas e produtos de higiene e limpeza.

1999

◇ Os stand-up pouches, já famosos nos EUA desde o começo da década por usarem menos plástico em sua composição começam a aparecer timidamente no Brasil. Mais leves e econômicos, prometem revolucionar o mercado e substituir, inclusive, as embalagens rígidas em alguns segmentos tradicionais.

Previsão: Consumo de stand-up pouches no Brasil*

SEGMENTO	1995	1998	2000	2002	2005
Temperos e condimentos	12 000	17 000	38 000	57 050	68 973
Alimentos secos/ Arroz	12 040	21 110	28 810	45 580	46 080
Maionese	21 670	60 200	74 650	86 690	95 359
Molhos/ Conservas	-	4 000	5 600	8 800	9 240
Café	24 100	46 860	50 860	64 286	75 197
Chocolate/ Confeitaria	13 240	16 200	13 200	16 200	18 826
Snacks	-	14 500	14 900	15 600	16 536
Limpeza doméstica	-	-	4 600	9 000	9 504
Higiene pessoal	1 000	5 150	19 300	43 824	48 206
Pet food	-	-	48 280	114 300	131 445
Retort pouch	-	-	1 000	4 700	38 000
Bebidas	-	-	-	15 000	206 200
outros	4 000	11 000	24 500	37 406	39 284
TOTAL	88 050	196 020	323 700	518 330	802 850

Fonte: Itap Bemis - Em unidades (x 1000)



Anos 2000



ABIEF
35 ANOS

CAPÍTULO II
O NASCIMENTO
DA ABIEF

ANOS 2000



Foto 1 30 anos de ABIEF

Foto 2 Posse de Sérgio
Haberfeld em 2001

Foto 3 FISPAL 2004



Inovação marca entrada nos anos 2000

Sustentabilidade, leveza e acabamento de flexíveis norteiam setor

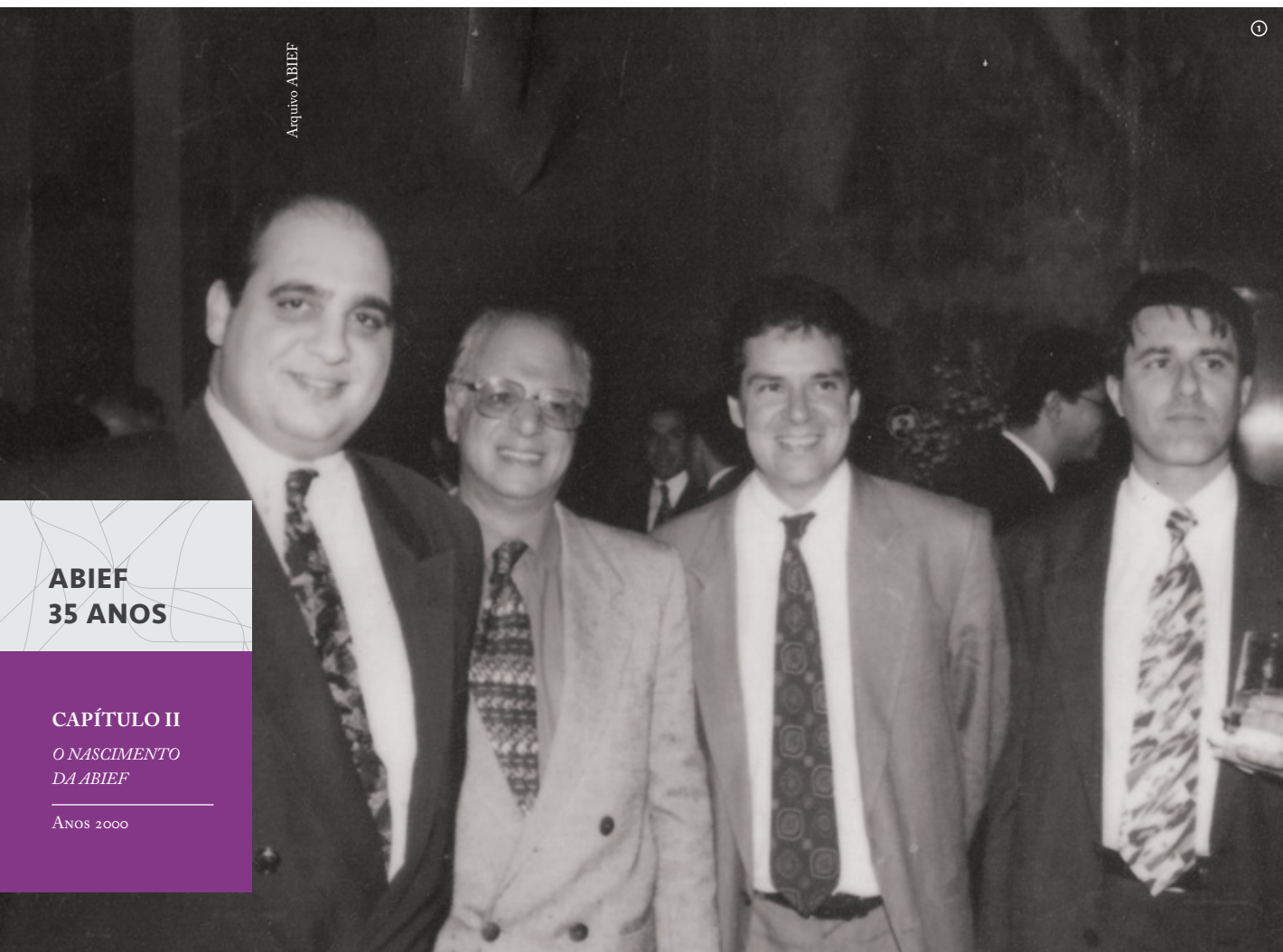
No início da década, as indústrias de embalagens estavam entre as que mais cresciam mundialmente. Havia cada vez menos fronteiras comerciais em um mundo mais globalizado e, com ampla concorrência entre tantos países, a tecnologia passou a ser uma maneira de diferenciar-se e destacar-se no mercado. Nos novos tempos, era preciso mais do que investir; o verbo da vez passou a ser inovar.

Os movimentos ecológicos que eclodiram na década anterior mantiveram-se como parte da formação de um consumidor consciente. A demanda por embalagens sustentáveis, seguras para o consumidor e também para o meio ambiente, vai além de grupos restritos e passa a ter um valor social. A indústria corre atrás de soluções. No setor de plásticos, a tendência passou a ser a produção de embalagens cada vez

mais leves, que usassem menos plástico em sua composição. Neste quesito, o destaque ficaria para os flexíveis.

Os plásticos biodegradáveis ou verdes começavam a ser valorizados e pesquisados em larga escala. Por sua vez, a possibilidade de reutilização ou reciclagem de um material passou a ser sinônimo de valor agregado, não apenas no exterior, mas também no Brasil.

A impressão digital, com maior custo, mas melhor acabamento, vai ganhando espaço. As empresas percebem que a embalagem definitivamente atua como um chamariz e ajuda na escolha do produto pelo consumidor no ponto de venda. Isto leva à fabricação de embalagens, rótulos e envoltórios chamativos, criativos e envolventes.



ABIEF
35 ANOS

CAPÍTULO II
O NASCIMENTO
DA ABIEF
ANOS 2000



A busca pela tendência

*Feiras e eventos trazem mais
conhecimento à ABIEF*

Foto 1 Evento em 2002

Foto 2 Evento em 2003

Foto 3 FISPAL 2004

Bem-estar e qualidade de vida passam a ser valores no mundo todo. Os filmes transparentes respiráveis criavam uma atmosfera ideal para a conservação das novas linhas de verduras, legumes e frutas vendidos em pequenas porções nos supermercados. A tecnologia permitia que aqueles alimentos frescos continuassem a respirar após a colheita, consumindo oxigênio e liberando dióxido de carbono.

Modelos de flexíveis do tipo abre-e-fecha e stand-up pouchs com zíperes e bicos dosadores. As marcas buscavam qualidade, eficiência e a credibilidade de uma Certificação ISO. No Brasil, contudo, os stand-up pouchs causavam desconfiança no consumidor que o percebiam como “produto de baixo valor”, razão pela qual não chegou a estourar aqui como acontecia lá fora.

“Com uma previsão de faturamento de 24 bilhões de euros até 2011, de acordo com um estudo da Pira International, o mercado de resinas PET continua atraindo investimentos”, (boletim da ABIEF no período)

No Brasil, a abertura comercial promovida pelos governos anteriores, aumentou a circulação de produtos acabados no País. Nesse mesmo momento, em 2001, a ABIEF passava por uma reestrutura-

ção em sua diretoria. Uma nova geração de empresários acreditava que havia a necessidade de renovação de ideias para acompanhar os rumos e as mudanças vertiginosas no contexto mundial. Era preciso unir a experiência dos antigos com a ousadia dos mais jovens. A renovação traz uma ABIEF modernizada, que busca estar atenta com o que acontece em todo o país e no exterior. Para isso passa a participar intensamente de feiras e eventos e a oferecer capacitação para os seus associados.

A associação participa da K, considerada a maior e mais importante feira de plásticos e de borracha do mundo, onde também expunham seus avanços as principais petroquímicas brasileiras da época - Braskem, Dow, Ipiranga e Polibrasil.

Há um movimento constante para a busca de novos mercados, o Brasil precisava exportar!

No cenário político brasileiro, um moderado Luiz Inácio Lula da Silva prometia respeito aos contratos e reconhecimento da dívida externa do País.

Fotos 3 e 4 Posse de Rogério Mani em 2005

Foto 5 Palestra sobre mudança nas petroquímicas



União do setor é trunfo para enfrentar crise financeira mundial de 2008

Instituição lança Fórum Latino-Americano e projeta cadeia produtiva



Foto 1 Premio Embanews em 2006

Foto 2 Posse de Rogério Mani em 2007

Foto 3 e 4 ABIEF 30 anos



Em 2008, um golpe na economia mundial abala toda a indústria. Um dos maiores operadores de empréstimos a juros fixos de Wall Street, o banco Lehman Brothers, quebra e pede falência.

A crise financeira internacional surte efeito na economia brasileira. Governo baixa juros e promove desoneração de tributos como estratégia para estimular o PIB. E coube à ABIEF buscar medidas que aumentassem a competitividade do setor.

Diante do panorama, a ABIEF participa da campanha nacional sobre consumo responsável dos plásticos. A iniciativa é da Plastivida, em parceria com a Associação e com o Instituto Nacional do Plástico (INP).

E, seguindo a sua trajetória de modernização, em 2010, já com Dilma Rousseff na Presidência, a instituição realiza o 1º Fórum Lati-

no-Americano de Embalagens Plásticas. O evento torna-se a principal reunião do setor, unindo lideranças de toda a América Latina.

Na busca pelo fortalecimento do setor, dois anos depois, a união física e estratégica para fortalecimento institucional entre ABIEF, Abiplast e Afipol acontece. Nasce a Casa do Plástico.

E para lembrar os 35 anos, celebrados em 2012, a instituição mostra toda sua trajetória de importância frente ao desenvolvimento da indústria e da própria Nação neste importante livro histórico. E o desafio das próximas décadas é continuar o caminho de desenvolvimento da cadeia produtiva e projetar os empresários cada vez mais para competir com qualidade e informação setorial.

ABIEF na mídia: anos 2000

ABIEF
35 ANOS

CAPÍTULO II
O NASCIMENTO DA ABIEF

ANOS 2000

2001

◇ Sérgio Haberfeld, da Dixie Toga S/A torna-se presidente da ABIEF.

◇ Sua proposta é que fornecedores de matérias-primas e insumos, transformadores e donos das marcas (usuários de embalagem) tenham na ABIEF um ponto de encontro. “Uma arena neutra onde possam discutir formas e ações que ajudem o setor a crescer e a utilizar todo o potencial, seja ele técnico, tecnológico ou comercial”, diz boletim da entidade.

◇ Na América Latina, flexíveis são impulsionados pela demanda das indústrias de alimentos e de produtos de higiene pessoal.

◇ Segundo estudo divulgado pela Associação Brasileira das Indústrias Químicas (Abiquim) aumenta a oferta de resinas plásticas PEBD, PEAD, PEBDL, PP, PS, PVC, PET e EVA – que cresceram 3,8%.

◇ A ABIEF conta com um estande na K’2001, a maior feira mundial de plásticos e borracha.

2002

◇ A indústria nacional de transformação de plásticos está enfrentando um de seus grandes desafios: criar uma política de preços que incentive as exportações.

◇ Lula é eleito presidente do Brasil.

◇ A ABIEF ajuda a organizar um grupo de empresários brasileiros para visitar a 16ª Interpack, a maior feira de embalagem do mundo, realizada em Düsseldorf (Alemanha).

2003

◇ Reeleito, Sérgio Haberfeld continua presidindo a associação.

◇ À pedido da Associação Brasileira de Embalagens (ABRE), a Fundação Getulio Vargas (FGV) realiza pesquisa e revela que o crescimento da produção física do setor de embalagem não deve ultrapassar 1%, fechando o ano com cerca de R\$ 23 bilhões de faturamento.

2004

◇ Aumenta a relação entre o varejo e o fabricante, já que a qualidade do acondicionamento de produto começa a ser mais valorizada. São necessárias embalagens secundárias que otimizem as etapas de transporte até a gôndola.

◇ Em sua 2ª participação institucional na K, a ABIEF mostra ao mercado internacional que a indústria brasileira de embalagens plásticas flexíveis está pronta para exportar.

2005

◇ Rogério Mani assume a presidência da ABIEF e tem como objetivos principais estabelecer a união da cadeia, a participação dos associados, a aproximação com a Abiplast, idealizada pelo seu antecessor, e estimular o incentivo às exportações e fusões.

◇ Rótulos do tipo sleeve passam a ter impressões multicoloridas, com diferentes tamanhos e aplicações, o que os transformam em aliados das vendas. Inovação e originalidade do design tornam-se grandes valores.

2006

◇ Lula assume seu segundo mandato após ser reeleito presidente do Brasil.

◇ A tecnologia MAP (atmosfera modificada) atual usa combinações de oxigênio, dióxido de carbono e nitrogênio para inibir o processo natural de ataque microbiológico. A atmosfera modificada também atrasa a oxidação do produto”, ressalta o Boletim Flex

◇ A segunda metade de 2006 foi marcada pela participação da ABIEF em duas feiras internacionais: a PackExpo, em Chicago, no final de outubro; e o Emballage, em Paris, no início de novembro. Nas duas ocasiões, os contatos travados e as consultas recebidas mostraram que o Brasil já figura como um importante player internacional na área de embalagens plásticas flexíveis.

2007

◇ Rogério Mani continua presidente da ABIEF.

◇ Gerente da Polo Films, fabricante de BOPP (polipropileno biorientado), foca na promoção de seu Centro Polo de Tecnologia e Inovação (CPTi) e nos serviços aos clientes.

◇ A Nestlé Brasil é a segunda maior consumidora de embalagem flexível, com uma participação de 29,6% deste mercado.

◇ O aumento acumulado no preço das matérias-primas nos meses de Agosto e Setembro – 12% - somado aos aumentos no preço dos insumos (tintas, solventes, pigmentos e adesivos) e ao dissídio da categoria, deixa nossa indústria em alerta.

◇ ABIEF lança selo para comemorar os seus 30 anos!

◇ A Braskem inova com o lançamento de seu polietileno verde, produzido integralmente a partir da cana de açúcar. Empresa se destaca em feira na Alemanha



ABIEF na mídia: anos 2000

ABIEF 35 ANOS

CAPÍTULO II
O NASCIMENTO DA ABIEF

ANOS 2000

2008

- ◆ Quebra do banco Lehman Brothers.
- ◆ Custos logísticos altos, disparo nos preço dos contêineres e alta no preço dos combustíveis provoca problema logístico para o setor.
- ◆ A ABIEF, em parceria com a Abiplast, apresenta ao governo um estudo sobre o setor. Propostas têm como foco principal a criação de uma política de preços para a resina termoplástica e indica formas de atenuar seu peso sobre o preço final da 3ª geração.



2010

- ◆ Dilma Rousseff assume a presidência do Brasil.
- ◆ Fusão da Braskem com a Quattor segue uma tendência mundial.
- ◆ Na K 2010, a Braskem também lança o polipropileno (PP) verde.
- ◆ 1º Fórum Latino-Americano de Embalagens Plásticas é realizado pela ABIEF e torna-se o principal evento do setor



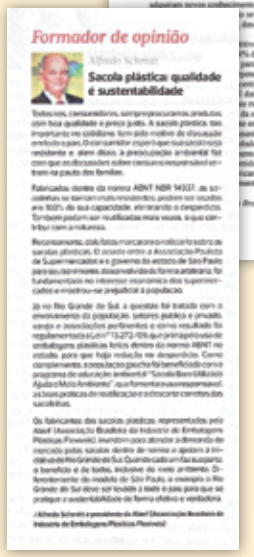
2011

- ◆ ABIEF realiza Seminário de Capacitação Empresarial para a Indústria de Embalagens Plásticas Flexíveis, oferecendo aos empresários participantes conceitos sobre Gestão Empresarial e troca de experiências.
- ◆ Como parte de sua estratégia de ampliação e nacionalização de atividades, a ABIEF participa da Brasilplast 2011 e da Fispal Tecnologia. Nas duas feiras, o estande institucional foi compartilhado com a Abiplast e com a Afipol em uma iniciativa inédita de efetiva integração de toda a cadeia do plástico.



2012

- ◆ Acontece a união física e estratégica para fortalecimento institucional entre ABIEF, Abiplast e Afipol, que passam a funcionar na Avenida Paulista.
- ◆ ABIEF completa 35 anos



III

CAPÍTULO
GALERIA DE PRESIDENTES

III

Galeria de
presidentes



Israel Sverner

presidência

1977-1983 1989-2001

Por detrás da voz tranquila e pausada, estão posições muito firmes e seguras. E foi assim desde que este engenheiro mecânico, formado em Massachusetts, nos EUA, assumiu pela primeira vez a presidência da ABIEF.

Exímio negociador, dedicado e empenhado em levar aos altos escalões de Brasília as demandas dos transformadores de plásticos, Israel Sverner, o homem que mais tempo ficou à frente da Associação, tem o trabalho reconhecido pelos seus pares. E sempre que seu nome é citado em uma reunião ou se faz presente em um almoço de confraternização, é vinculado a uma palavra que resume sua personalidade e atuação ao longo dos anos: respeito.

Presidente da Eletro Plastic, era um dos mais atuantes no grupo que fundou a ABIEF em 1977. Foi o primeiro a ser escolhido para comandar os trabalhos e tentar organizar as demandas de um setor que sofria com constantes conflitos.

Uma responsabilidade à altura de sua coragem, naquele tempo em que a escassez de matéria-prima e a hiperinflação eram problemas impossíveis de ser ignorados por qualquer empresário do ramo.

“Eu acreditava que era possível buscar melhores condições para o setor, até mesmo exportar. Nós sofriamos com o vai e vem da economia, e tentávamos mostrar ao governo a importância dos transformadores para o País, apresentar propostas que beneficiassem a maioria dos associados. Era difícil, mas aos poucos ganhamos alguma representatividade”, conta.

Ficou a primeira vez no cargo até 1983, reeleito sem concorrência. Anos depois, em 1989, volta a assumir a função de presidente da Associação, a qual exerceria até 2001.



Leonidas Alperowitch

presidência
1983-1985

Um empreendedor nato. Repleto de energia e vontade de fazer acontecer. Foi essa marca pessoal e espírito de liderança que Leonidas Alperowitch demonstrou desde as primeiras reuniões entre os transformadores de plásticos para discutir as demandas e dificuldades do setor até a fundação da ABIEF, da qual participou ativamente.

À época, sócio e diretor comercial na Polyfilm S/A, Alperowitch tinha muitos planos. Um misto de praticidade e idealismo o moveram, como secretário da gestão anterior, a organizar a casa, buscar referências para montar o estatuto e pensar em serviços que poderiam ser oferecidos aos associados.

Quatro anos depois, em 1983, já como presidente da Associação continuou esse trabalho e empenhou-se em torná-la uma referência em informação sobre plásticos flexíveis.

“Achei que precisávamos nos aproximar ainda mais dos associados, não só os de São Paulo, mas envolver os empresários de diversos

portes, no Brasil inteiro, para que eles sentissem que eram representados e que juntos tínhamos mais força”, conta.

Buscou convencer os pequenos e médios a profissionalizar-se e mostrar que Associação poderia ser o suporte que eles necessitavam. Encomendou estudos com especialistas do setor, criou comitês diversos para avaliar os custos, a influência da economia e dos demais elos da cadeia, e esforçou-se no estímulo à padronização de embalagens, que ainda eram feitas de forma muito aleatória, em um período em que os clientes passavam a ser mais exigentes.

Visionário e organizado, em seu mandato também contratou uma assessoria de imprensa, já que acreditava que as conquistas e análises precisavam ser comunicadas para fortalecer o grupo e mostrar influência em nível nacional.



Edgar Nami Haddad

presidência
1985-1989

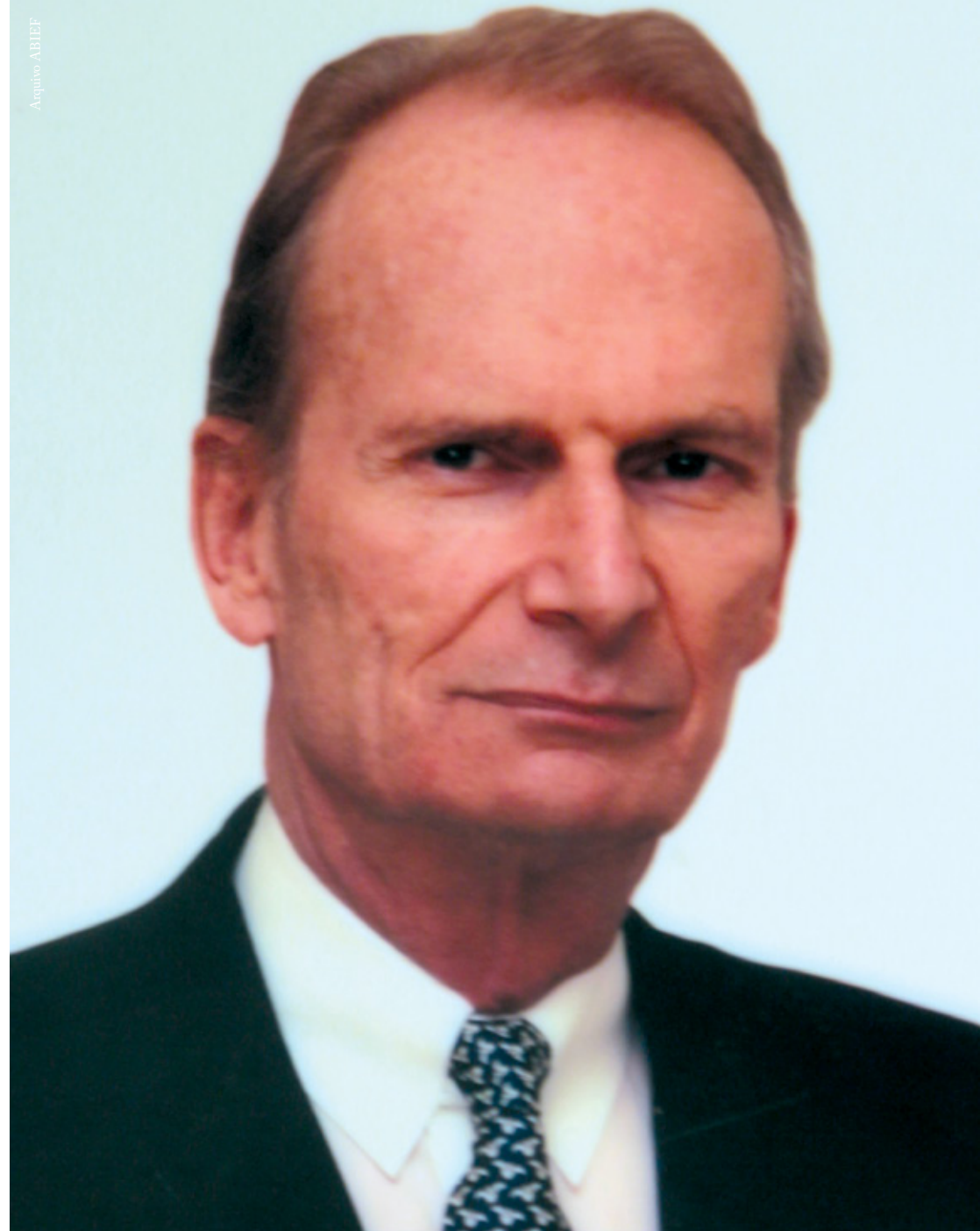
Quando Haddad assumiu a presidência da ABIEF em 1985, já tinha bastante experiência e conhecimento das demandas da Associação, visto que era um membro atuante desde a sua fundação. Foi Vice-presidente da gestão de Leonidas Alperowitch, época em que se dedicou a diversos projetos dentro da instituição.

Diretor e sócio da então Plastunion Ind. de Plásticos Ltda., o engenheiro, formado pela Universidade Mackenzie, utilizava sua capacidade de analisar problemas de forma ampla para lidar com a tarefa de assumir a Associação em um momento de dificuldades para a economia brasileira. “Era um período muito difícil, acredito que o mais complicado da história da ABIEF. A inflação era intensa e éramos reféns de planos governamentais que, hoje, percebemos serem completamente malucos”, explica.

Sua gestão, dessa forma, centrou-se em intensificar as reuniões entre os associados para discutir saídas de como atuar em um cenário no qual os transformadores ficavam entre as petroquímicas e o cliente. Era preciso por um fim aos prejuízos gerados pelos reajustes constantes no preço da matéria-prima e que comprometiam a lucratividade.

A ideia era estabelecer parâmetros, analisar a conjuntura e mostrar caminhos para que, nacionalmente, os associados soubessem como agir diante das constantes mudanças e variações, embora cada um deles tomasse suas próprias decisões, de acordo com as possibilidades e cenários regionais.

Haddad foi reeleito em 1987 e permaneceu como presidente da ABIEF até 1989.



Sergio Haberfeld

presidência

2001-2005

Uma eleição apertada entre duas chapas antagônicas levou à presidência o multifacetado Sergio Haberfeld, disposto a dar à sua gestão uma marca de profissionalização à entidade. A partir de 2001 até 2005, quando encerrou seu segundo mandato, o então sócio da Dixie Toga se empenhou em incrementar a legitimidade da ABIEF como defensora dos interesses de todo o setor de embalagens plásticas flexíveis.

Uma das primeiras ações foi a visita pessoal a diversos associados, que então somavam cerca de 200, dos quais em torno de 100 eram efetivos. “Foi então que percebemos que a realidade das pequenas e médias empresas era muito distinta das grandes companhias”, conta. Problemas de gestão de estoque, má utilização de maquinário, baixa produtividade, desconhecimento da situação das matérias-primas estavam entre as dificuldades do empresariado. “Fizemos comitês específicos, analisamos as funções e demandas de cada ator”, relembra.

Outros elos que não integravam a entidade, como as petroquímicas, a própria Petrobras e os clientes, empresas usuárias de embalagem, passaram a ser convidadas para os eventos e cobradas por uma relação mais justa entre compradores e fornecedores. Aproximar

mais toda a cadeia produtiva foi um trunfo. Outra conquista foi uma gestão focada em resultados e prestação de contas. “O caixa ficou aberto, com um diretor financeiro que tinha que fazer apresentação de balanço para todos”, lembra. Tudo como consequência de anos de experiência em posições representativas. Haberfeld foi durante 10 anos membro do Conselho da Bovespa, presidente da Amcham, ABRE (Associação Brasileira de Embalagem), WPO (World Packaging Organization), Ulade (União Latino-americana de Embalagem), entre outras organizações e empresas.

Em tom senhorial, próprio de quem tem a certeza de ter deixado um bom legado, Haberfeld conta que hoje se dedica a preservar a memória do segmento. “Estou montando um museu da embalagem da Toga, com artefatos que datam de 1950. Certamente, este será mais um super empreendimento. Tenho produtos, desenhos de embalagem, cilindros de impressão, o primeiro telex da empresa, móveis etc.” Para quem conhece os empreendimentos anteriores deste museólogo e colecionador convicto, não dá para esperar algo menos do que sensacional.



Rogério Mani

presidência

2005-2009

Em meados de 1983, Rogério Mani, mal tinha completado 22 anos, mas já era gerente de uma associada da ABIEF. Cheio de gás, mostrou-se muito interessado em frequentar as reuniões e, rapidamente, despertou a atenção dos industriais mais velhos, devido à sua intensa participação no comitê de polipropileno.

Impulsionado pelo interesse nas questões associativas e pelo conhecimento que adquiria com seus pares, recebeu o apoio dos colegas e foi indicado, em 1989, para ser suplente de diretoria. Nessa época, já dava conta de sua própria empresa, a Polo Limão Plásticos Ltda. Depois trabalhou na SOL PP Plásticos e na Epema Ltda., na qual está até hoje.

Em 2001, apesar da admiração que nutria por Sverner, acreditava que era necessária uma renovação. Apoiou a mudança e a chapa de Sérgio Haberfeld que, em uma votação acirrada, chegou à presidência. “Foi aí que comecei a entender melhor e mais profundamente as questões políticas e associativas. O Haberfeld gostava de equilibrar

experiência com renovação e me deu essa oportunidade. Aproveitei para me preparar e entender tudo o que podia”, relembra.

Após a imersão, Mani viu-se preparado para encarar uma eleição e foi escolhido, em 2005, presidente; dois anos depois, reelegeu-se.

Sua gestão teve como principal foco unir a ABIEF e a Abiplast, algo já idealizado pelo presidente anterior, mas que ele empenhou-se em viabilizar. Isso porque acreditava não haver muito sentido na separação entre as Associações, já que juntas teriam muito mais poder de negociação e representatividade para o setor de plásticos como um todo. O passo mais importante dado, ainda quando estava no cargo, foi a cadeira que a ABIEF conquistou dentro da Abiplast.

Em 2009, quando Mani saiu, estava em andamento o processo de transição pelo qual trabalhou e que levaria, no ano seguinte, à união das Associações.



Alfredo Schmitt

presidência

2009-2013

Primeiro gaúcho a presidir a ABIEF, o químico e economista Alfredo Schmitt começou a carreira na indústria petroquímica. Seu conhecimento técnico e expertise em matérias-primas foram de grande ajuda quando passou a integrar o time de transformadores plásticos, como sócio na FFS Filmes, em meados de 1995.

Dado seu espírito de liderança e proatividade, não demorou para ser convidado a fazer parte da diretoria da Associação. Embora morasse em Porto Alegre, era tão atuante durante a gestão de seu antecessor, Rogério Mani, que foi o escolhido pelo então presidente como nome natural a sucedê-lo no cargo.

Um dos maiores desafios no ano seguinte à sua posse foi o ataque às sacolas plásticas, que em 2010 esteve no foco das discussões no Brasil.

Por isso, foram realizados estudos em conjunto com a Plastivida e outras entidades, além de investigações técnicas sobre o real impacto desse flexível. O objetivo era desmistificar o tema tanto na justiça, como no governo e perante a sociedade. “Artefatos plásticos não têm pernas, nem asas, nem nadadeiras, se eles estão no lugar incorreto o problema está no descarte; é necessário investir na educação de toda a sociedade”, sempre defendeu Schmitt.

O resultado do esforço foi um sucesso. Não apenas a opinião de lideranças do Ministério do Meio Ambiente mudou, como a própria população, que no início apoiava a eliminação das sacolas, passou a entender sua importância.

Otimista por natureza, Schmitt sempre acreditou na busca e no desenvolvimento de produtos que agreguem valor e aumentem o consumo, mostrando o que a indústria do plástico tem a oferecer para a sociedade. Mas ainda acha que há um caminho importante a ser percorrido. Tanto que, quando presidente, apostou na importância da capacitação e da realização de fóruns para discutir as estratégias, tendências e oportunidades na indústria. Foi o caso do FLEX - Fórum Latino-Americano de Embalagens Plásticas Flexíveis, criado em 2010, e que hoje se configura no maior evento da ABIEF.

Em 2011 foi a vez de criar o Seminário de Capacitação Empresarial que reúne empresários de flexíveis e se constitui em uma oportunidade para indústrias de todos os portes entrarem em contato com o que acontece no setor de transformação e com as melhores práticas para atuar com eficiência e competitividade. Alfredo reelegeu-se em 2011 e permaneceu no cargo até 2013.



Sérgio Carneiro

presidência

2013 até hoje

Graduado em administração de empresas na Fundação Getúlio Vargas, pós-graduado em gestão empresarial pela mesma instituição, o empresário da SR Filmes, Sérgio Carneiro, assumiu a presidência da ABIEF em 2013. Nem bem completou um ano de gestão, já demonstra uma postura otimista e dinâmica na condução da Associação, embora saiba que tem pela frente a tarefa de lidar com a instabilidade presente há anos no setor; sua aposta é que em breve os investimentos retornem.

Vê o plástico como sinônimo de modernidade e se entusiasma com as possibilidades, que trazem o futuro próximo, em termos de tecnologia e inovação. “A evolução dos materiais e dos processos vem acontecendo de maneira rápida e hoje não podemos imaginar a vida sem o plástico; cada vez mais ele mostra que veio para ficar”, diz.

Acredita na importância da participação da ABIEF em feiras e eventos e que os seminários de capacitação são ferramentas indispensáveis no incentivo à profissionalização das diversas empresas de médio e pequeno porte espalhadas pelo País.

Se, por um lado, o novo presidente está olhando para o futuro, de outro reconhece a importância da experiência acumulada ao longo dos anos por aqueles que fundaram a ABIEF e que, até hoje, atuam no Conselho da Associação. Esse é um dos motivos pelo qual decidiu res-

gatar a trajetória da entidade neste livro que comemora seus 35 anos de jornada.

Mas este livro é apenas um dos tantos projetos encabeçados pelo jovem e ativo empresário. Desde o início de sua gestão foi intensificada a realização de eventos de conteúdo e de capacitação profissional/empresarial, bem como a participação, com estande próprio, nas mais importantes feiras internacionais do setor, como K e PackExpo. Também é marca registrada da gestão Carneiro “uma interação mais próxima com entidades correlatas e toda e qualquer instituição, entidade, empresa ou universidade que agregue valor à ABIEF e aos negócios de seus associados”.

Nesta busca constante por realizações, Carneiro costurou uma parceria extremamente profícua entre a ABIEF e a FPE (Flexible Packaging Europe), entidade máxima de flexíveis na Europa, que culminou na obtenção dos direitos de publicação, com exclusividade no Brasil, do documento Perfect Fit (A Escolha Perfeita). A FPE também teve uma participação importante no Fórum Flex 2014, evento que o presidente atual faz questão de manter no calendário oficial da entidade, melhorando-o a cada edição. O mesmo conceito de inovação é passado na administração dos assuntos cotidianos da ABIEF. “O importante é fazer mais e sempre e incorporar novos projetos e ações àqueles que já são um sucesso.”

III

CAPÍTULO
SOCIALIZAÇÃO

IV



Socialização

{ ALMOÇO MENSAL } da associação

ABIEF
35 ANOS

CAPÍTULO V
SOCIALIZAÇÃO

Tradição que nasceu em 1981, e dura até hoje, os já tradicionais almoços da ABIEF acontecem mensalmente no restaurante Senzala, na Praça Panamericana, em São Paulo.

É o momento em que empresários da transformação de plásticos, muitas vezes até concorrentes, deixam de lado as conversas sobre juros, alíquotas e perspectivas de mercado e partilham suas afinidades, histórias do dia a dia e até causos.

Um encontro informal de bons amigos que aprenderam a se conhecer e respeitar ao longo dos anos de jornada em comum. As conversas durante a degustação dos deliciosos pratos e apreciação da boa companhia podem ser sobre qualquer assunto...



Festas e eventos

Ao longo dos anos a instituição marcou presença em diversos eventos nacionais e internacionais. Realizou outros encontros para celebrar e discutir as principais temáticas do setor. Sempre com o intuito de reunir a categoria e debater as novidades e os caminhos da indústria, a ABIEF manteve em pauta encontros com os principais players que movimentam o setor diariamente. Pautada pelo intuito de fomentar o mercado nacional de embalagens plásticas flexíveis.





IV

CAPÍTULO *SUSTENTABILIDADE*



BENEFÍCIOS
ambientais, econômicos e sociais

Embalagem: mocinha ou vilã?

No último século, as embalagens, década após década, foram ganhando protagonismo no acondicionamento de bens de consumo, em especial dos alimentos. Hoje é praticamente impossível imaginar uma gôndola de supermercado sem elas ali, separando os produtos em porções cada vez menores, protegendo-os dos agentes externos; tão atrativas e coloridas.

Se sua utilidade prática e aplicabilidade nesse e em muitos segmentos normalmente não deixa margem para dúvidas, por outro lado, faz-se presente uma discussão que divide opiniões: qual o real impacto das embalagens plásticas no meio ambiente?

As décadas de 1990 e 2000 não foram fáceis para elas. Tudo começou com movimentos que tiveram início nos anos 1970, com a descoberta de que o petróleo, combustível fóssil não renovável e umas das bases para a fabricação dessa resina, iria se esgotar. Ideias que ganharam força nos anos seguintes com o aumento de consciência ambiental da população e mudanças de paradigmas sociais. Mas não era só isso.



Curiosamente, alguns dos mesmos motivos que fizeram o material ser considerado mais vantajoso para a indústria, como sua resistência, levaram-no a ser visto como vilão da história. Sua durabilidade, sinônimo de qualidade na hora de armazenar alimentos, agora é questionada. Alia-se a isso o fato do descarte incorreto destas embalagens pela população ter se tornado um problema senão maior, ao menos mais visível, em relação aos demais materiais de embalagem.

Mas será que vilanizar o plástico e querer voltar atrás no tempo seria a solução mais adequada? Ou essa seria uma solução mais simplista? Seria o impacto ambiental gerado pelo plástico realmente tão grande comparando-se aos demais segmentos da indústria? E, ainda, considerando-se que qualquer indústria tem um relativo impacto ambiental, será a que relação custo x benefício em relação aos plásticos tem sido observada da maneira apropriada por quem o condena?

A ABIEF, em parceria com institutos de pesquisa, vem mostrando que o plástico tem mais benefícios para a sociedade do que se imagina – e que, em muitos casos, acaba sendo responsabilizado devido à falta de informação.

Mesmo ao falarmos do consumo de não renováveis, precisamos entender todos os lados. Quando se pensa em utilização do petróleo,

A POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS (PNRS), INSTITUÍDA PELA LEI 12.305, DE AGOSTO DE 2010, NORTEOU IMPORTANTES OBJETIVOS, DENTRE OS QUAIS SE DESTACA:

- ☞ A proibição do uso de lixões e aterros controlados a partir de 2014;
- ☞ A logística reversa como instrumento para o reaproveitamento de resíduos sólidos, trazendo o conceito de responsabilidade compartilhada sobre o ciclo de vida do produto;
- ☞ Parametrização e enrijecimento dos critérios de boa gestão de Resíduos Sólidos, instrumentalizando a fiscalização dos órgãos ambientais, Ministério Público, clientes e sociedade em geral;
- ☞ A indicação da destinação de resíduos para recuperação energética como sendo ambientalmente adequada.

por exemplo, vale destacar que apenas 4% de seu total é usado na produção de resinas plásticas, de acordo com o Instituto Sócio-Ambiental dos Plásticos (Plastivida). O setor de climatização é aquele que demanda mais esse bem natural, responsável por 35% de sua utilização. Em seguida, vem a área de transporte com 29% e energia, que necessita de 22%.

A importância dos plásticos para a sociedade é evidente, afinal, eles estão em tudo – computadores, cabos e fios, cateteres e bolsas de sangue, lonas e sacos para lavouras e acondicionamento de alimentos, desde o biscoito de chocolate ao feijão de cada dia. Enquanto estudam-se outras soluções, pensar em meios inteligentes de descarte e educação da população parece ser o meio mais eficiente e sensato de aproveitar todo o potencial que este material proporciona.

Os empresários do setor e da indústria que utilizam essas embalagens precisam estar atentos não apenas para cobrar o governo nesse sentido, mas também precisam empenhar-se em mostrar para seus consumidores a importância da destinação correta do lixo por cada um. Algumas redes de supermercado dão bons exemplos e dispõem de sistemas de trocas de embalagens por créditos, o que estimula o descarte responsável.

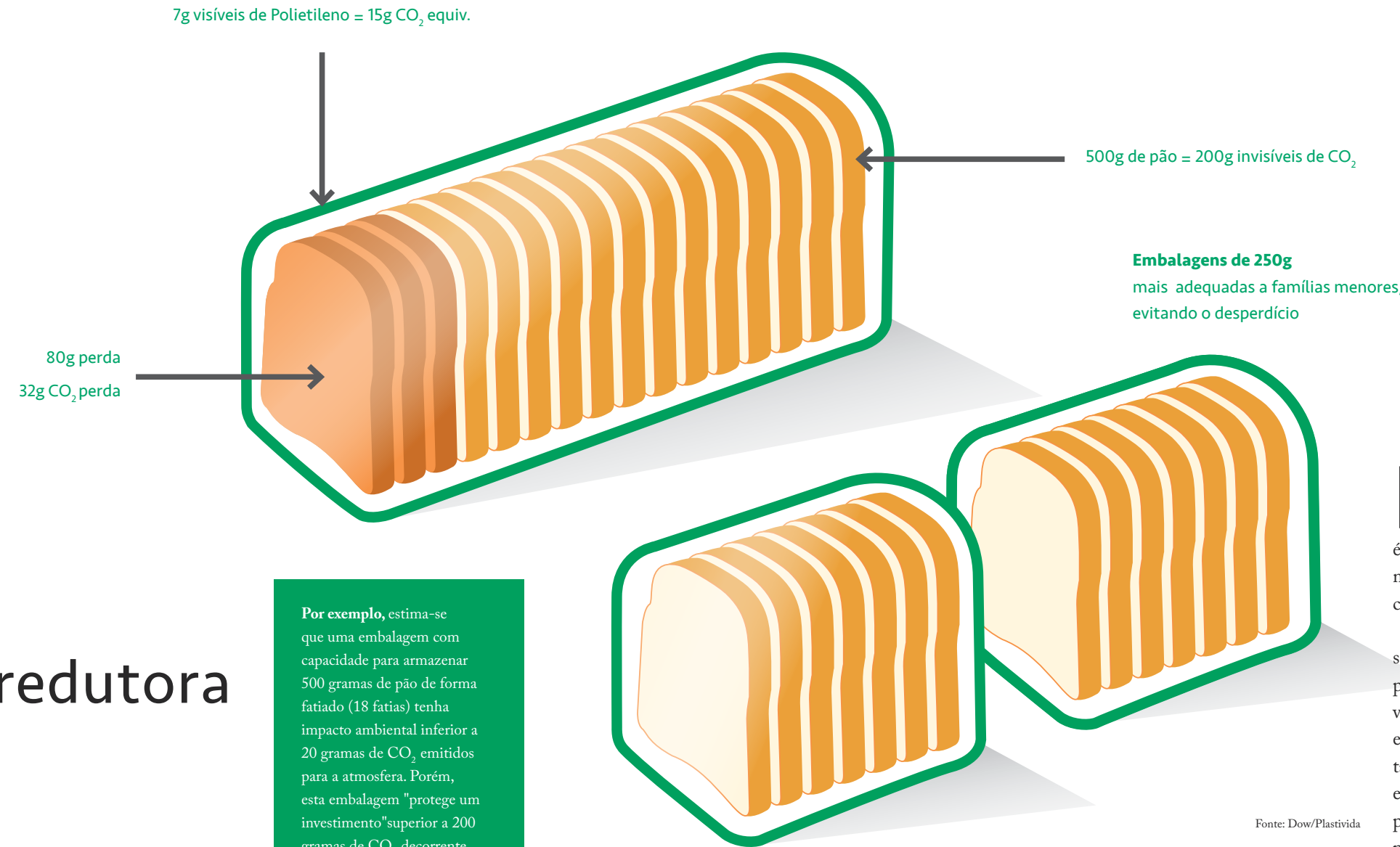
Quando isso é feito corretamente, a maioria dos plásticos flexíveis pode ser reciclada; o método dependerá da estrutura das embalagens. O procedimento para materiais mais complexos, multicamadas, é a reciclagem química. Funciona com a quebra molecular por aquecimento, o que transforma o plástico em óleo e gases, tornando-o passível de ser novamente aproveitado pelas petroquímicas.

Há também a reciclagem mecânica, que permite a “conversão dos resíduos plásticos em grânulos, que podem ser reutilizados na produção de embalagens, solados, pisos, mangueiras, componentes de automóveis, fibras etc”, segundo a Plastivida.

Além do correto descarte responsável, um adequado processo de coleta seletiva, que depende de políticas públicas específicas, também é de extrema importância e muito bem-vindo para que o resíduo, adequadamente separado pelo consumidor em seus lares, chegue efetivamente ao seu destino.

Não raro, mesmo nas grandes capitais, haver uma carência nos serviços ou desconhecimento dos funcionários ao recolher o lixo de coleta seletiva que termina por misturar-se indiscriminadamente com o regular.

Sustentabilidade: a embalagem como redutora de desperdício



Por exemplo, estima-se que uma embalagem com capacidade para armazenar 500 gramas de pão de forma fatiado (18 fatias) tenha impacto ambiental inferior a 20 gramas de CO₂ emitidos para a atmosfera. Porém, esta embalagem "protege um investimento" superior a 200 gramas de CO₂ decorrente da produção do pão propriamente dito.

Para compreender o papel da embalagem na sustentabilidade é preciso sair do lugar-comum e ver se a sua função está intimamente ligada aos hábitos do consumidor e à evolução do próprio contexto social.

Atualmente, nas grandes cidades, cada vez mais as pessoas moram sozinhas. Diferentemente das famílias que buscam pacotes grandes para alimentar um batalhão de filhos, sobrinhos e agregados, muitas vezes, elas querem apenas alimentar-se de uma forma gostosa, prática e rápida. Compram porções individuais, em menores quantidades e também priorizam opções duráveis. Razão que torna a produção de embalagens adequada a essa necessidade importante, não apenas do ponto de vista da comodidade, mas com a compreensão de que ela pode exercer um papel na diminuição do desperdício gerado por cada indivíduo.

Considerando-se que hoje em dia o desperdício de alimentos é presente e real – segundo a FAO (Food and Agriculture Organization), quase 60% do resíduo sólido urbano são restos de comida – o que se demonstra não é apenas um problema relativo a gases tóxicos produzido pelo excesso de lixo orgânico. O problema também está

associado ao aparato logístico de mais caminhões circulando, mais energia e combustível gastos e consequentes impactos em proporções gigantescas para o planeta.

Nesse sentido, o investimento em embalagens cada vez mais leves, menores e que evitem o desperdício desnecessário de alimentos contribui mais com a sustentabilidade. Um caminho só possível de ser percebido se o raciocínio for considerado de forma mais ampla.

Segundo o Instituto Plastivida, um ótimo caminho para a redução do desperdício passa, necessariamente, por mais e melhores embalagens, que garantam a proteção adequada ao alimento e permitam que eles sejam consumidos em sua totalidade. “A embalagem sustentável atende a pelo menos três dimensões. A primeira e principal é garantir a proteção ao produto. Na segunda dimensão, dentre as embalagens que protegem o produto, devemos escolher aquela que gera menos impactos ambientais medidos segundo a Análise do Ciclo de Vida (ACV). Já a terceira dimensão tem a ver com como os materiais de embalagem se comportam no fim de vida, ou seja, quando são descartados e vão para o lixo.”



Geração de energia

Pouco se comenta sobre isso, mas o plástico também pode ser uma poderosa fonte de energia. Um quilo deste material produz o equivalente à mesma quantidade de energia gerada pelo óleo diesel – ou seja, uma sacolinha, por exemplo, “tem energia para manter uma lâmpada de 60w acesa por 10 minutos!”.

No exterior, especialmente no Japão, essa solução já faz parte da realidade. Por lá, a reciclagem energética atinge cerca de 40 milhões de toneladas de lixo por ano.

Um dos exemplos brasileiros é o centro tecnológico Usinaverde (<http://www.usinavede.com.br>), desenvolvido no Campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Com 95% dos equipamentos fabricados no Brasil, a estrutura tem capacidade para reciclar 30 toneladas diárias de resíduos sólidos que geram energia elétrica.

A energia limpa deste projeto, que ainda está em fase de pesquisa, pode ser uma alternativa e o incentivo para atrair empresas parceiras pode estar na sua elegibilidade para gerar créditos de carbono.

A reciclagem energética passa por três etapas: na primeira separa-se o lixo e retiram-se os materiais recicláveis, já que apenas matéria orgânica e resíduos não-recicláveis são encaminhados para combustão. Esses materiais são, então, fragmentados e triturados, dando forma ao Combustível Derivado dos Resíduos (CDR).

Na segunda etapa, o lixo não-reciclável é queimado e o calor aproveitado para a geração de energia elétrica e/ou vapor. Por último, os gases gerados na combustão são filtrados química e mecanicamente de forma a atender aos mais rigorosos limites de emissão. A usina, então, libera para a atmosfera, majoritariamente, vapor de água e gás carbônico.

Biodegradáveis

Na definição mais corrente, disseminada por órgãos como o Instituto Nacional do Plástico (INP), os bioplásticos são resinas biodegradáveis com componentes derivados de matérias-primas de fontes renováveis. Em geral, os plásticos biodegradáveis são derivados de produtos vegetais e animais, tais como a celulose, amido, quitina e outros, disponíveis em abundância na natureza. O seu uso em escala substitui as resinas de fontes não renováveis, como o petróleo.

No senso-comum, os plásticos biodegradáveis podem parecer uma solução salvadora para a sustentabilidade em todos os casos, mas cada tipo de resina terá uma aplicação. Nesse caso, o importante é tornar a embalagem em si um redutor do consumo – tirando de suas propriedades e características particulares o melhor proveito no acondicionamento.

O ideal é que haja uma gestão integrada de processos, “combinando compostagem, reciclagem química e mecânica, energética” ou outros meios e que devem ser considerados de acordo com a Análise do Ciclo de Vida (ACV) de cada embalagem.



Sacolinhas



Depositphotos

ABIEF
35 ANOS

CAPÍTULO VI
SUSTENTABILIDADE

SACOLINHAS

Desde o início, um futuro promissor

A adoção de sacolas plásticas nos autosserviços, já na metade dos anos 1950, tornou a vida das donas de casa norte-americanas mais fácil. A partir dos início dos anos 1980, quando foi implementada em larga escala no Brasil, foi tão bem recebida pelos consumidores que, em menos de cinco anos substituíram quase por completo as antigas estruturas de papel.

Sua aceitação pelos brasileiros foi imediata. Práticos, esses novos modelos de plástico, com alças, eram fáceis de carregar e definitivamente serviam como grande ajuda para quem contava com transporte público para levar as compras para casa. Também eram mais eficazes na acomodação de produtos molhados, pois não se desfaziam no caminho, além de permitirem uma separação rápida entre os diferentes tipos de alimento. As vantagens eram muito maiores do que as fornecidas até então.

Percebeu-se não muito depois, devido à própria característica do material plástico, que a sacolinha poderia ser usada mais de uma vez,

afinal, não se desmanchava nem estragava facilmente como o pacote de papel ou mesmo a caixa de papelão. Foi assim que a sacola virou um objeto coringa, daqueles que são guardados na gaveta para qualquer necessidade, servindo à utilização quando fosse necessário carregar algum objeto extra como a marmita com os talheres para o trabalho, um agasalho a mais ou as agulhas de tricô.

Mas sua função secundária mais consagrada pela maioria da população é uma unanimidade até hoje: envoltório para descarte do lixo residencial. Uso comemorado ainda mais pelas famílias de menor renda, que economizam na compra dos sacos convencionais para esse tipo de destinação.

Sacolas em risco

Distribuída de forma gratuita para o consumidor, as sacolas plásticas têm seu valor embutido nos preços dos produtos encontrados no supermercado. Pela sua praticidade e ampla oferta, já foi comum ver consumidores levarem para casa mais unidades do que necessitavam para suas compras. Havia também casos de empresas que ao adotarem modelos em desacordo com as normas ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) e, portanto mais frágeis, lidavam com consumidores que juntavam duas ou mais sacolas sobrepostas para transportar objetos mais pesados, como garrafas de refrigerante. E o acesso indiscriminado pesou no bolso de muitos estabelecimentos que passaram a questionar-se sobre a real necessidade do fornecimento “obrigatório” das sacolas plásticas.

Nesse mesmo contexto, o crescimento demográfico aliado ao aumento do poder aquisitivo da população, interferiu drasticamente nos modos de consumo. Segundo levantamento da Pricewaterhouse-

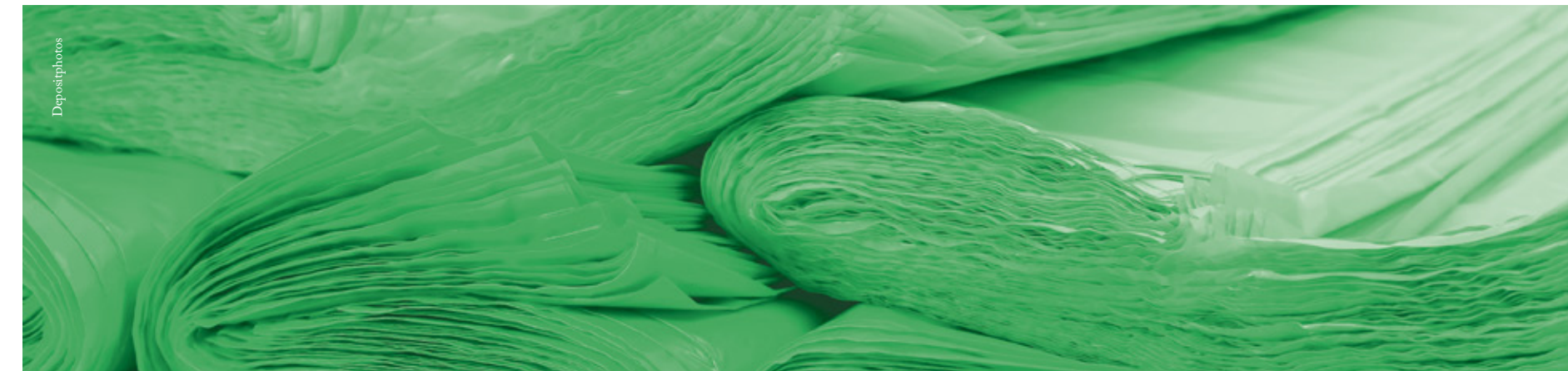
Coopers (PwC), nos últimos anos, houve um crescimento moderado, mas contínuo, do consumo em todo o País. “Os dois principais fatores por trás desse ciclo foram o baixo desemprego (aproximadamente 5%) e o crescimento contínuo da renda salarial (taxa composta de crescimento anual de 3,4% a partir de 2012, indica a pesquisa. Aliados aos programas de distribuição de renda, esses fatores contribuíram para a inclusão de 40 milhões de novos consumidores no mercado, muitos deles provenientes das faixas econômicas menos favorecidas e da classe média baixa, conhecida como classe C, que também aumentou em representatividade.

Em um Brasil onde muito mais gente compra e leva alimentos e utensílios para casa – e conseqüentemente acumula mais embalagens e sacolas para jogar fora – o acesso ao conhecimento sobre um correto descarte desses materiais não avançou tão rapidamente quanto seu incremento tecnológico e acessibilidade. O resultado foi envoltórios plásticos, sacolas e saquinhos, que poderiam ser reutilizados ou reciclados, entulhados de maneira incorreta nos lixões e aterros.

Visíveis a olhos nu e alvos fáceis de conclusões apoiadas em estudos menos aprofundados, as sacolas plásticas viraram uma espécie de bode expiatório e passaram a ser condenadas por movimentos ambientalistas, certos veículos de imprensa e alguns extratos da sociedade.



ALÉM DE ESSENCIAIS, SEU CONSUMO NÃO SE RESUMIA AO TRANSPORTE DE COMPRAS; AS SACOLAS ERAM – E SÃO – REUTILIZÁVEIS, 100% RECICLÁVEIS E USADAS POR QUASE A TOTALIDADE DOS CONSUMIDORES COMO MEIO PARA DESCARTAR RESÍDUOS



A reviravolta do consumidor

Com estudos e indicadores que mostravam o real papel das sacolas e questionando a constitucionalidade da proibição, a ABIEF entrou com recursos na Justiça para derrubar o efeito das leis. Contatou especialistas de universidades renomadas, como a Universidade de São Paulo (USP), para mostrar ao Ministério do Meio Ambiente que a guerra às sacolas não fazia sentido. Além de essenciais, seu consumo não se resumia ao transporte de compras; as sacolas eram – e são – reutilizáveis, 100% recicláveis e usadas por quase a totalidade dos consumidores como meio para descartar resíduos que, de uma maneira ou de outra, precisariam ser colocados em sacos plásticos. Restos de comida, papel higiênico, fraldas e absorventes, por exemplo, devem ser descartados em sacos plásticos fechados para evitar proliferação de doenças e contaminações, como recomenda o Ministério da Saúde. Motivos como esse, entre outros, foram expostos a organizações de grande representatividade como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Além disso, uma pesquisa do Datafolha para o Instituto Plastivida para avaliar como pensavam as pessoas após a polêmica gerada pela proibição, em maio de 2012, surpreendeu muitos formadores de opinião. Havia uma mudança significativa na percepção da

Descontente com essa situação e ciente da importância das sacolas para o brasileiro, a ABIEF, que desde 1997 mantém um Comitê específico para tratar de tópicos relacionados a este produto, resolveu entrar na discussão e ajudar a desmistificar as sacolinhas.

Se no início dos anos 2000 já começavam alguns movimentos isolados, o cerco começou a apertar em meados de 2010, seguindo até seu ápice em 2012, quando pipocaram no País inteiro leis municipais e estaduais limitando ou extinguindo o fornecimento de sacolas plásticas pelos supermercados – com o apoio destes. A batalha não foi fácil, mas a Associação tinha na manga estudos consistentes e plena consciência de que as já famigeradas sacolinhas estavam longe de ser esse bicho-papão para o meio ambiente, como estava sendo apregoando nos meios de comunicação e praticado pelo senso-comum.

À época, mais especificamente em 2010, um estudo do Ministério do Meio Ambiente (MMA), em parceria com a rede de supermercados Walmart, concluiu que 60% dos entrevistados dispensariam o uso das sacolinhas que eram distribuídas nos supermercados. Apoiado pela opinião pública no início, o movimento de substituição das sacolas plásticas por outras alternativas, como as ecobags, começou a ser estimulado pelas grandes redes.

Em Belo Horizonte, em 2009, uma lei municipal proibia a distribuição das sacolinhas tradicionais. Havia à disposição dos clientes opções diferenciadas como as sacolas produzidas a partir de

amido de milho, mas que custavam a partir de R\$ 0,19. Desta forma, repassava-se para o consumidor um custo que ele não tinha que arcar. Modelos semelhantes, com preços diferentes de repasse, foram adotados em outras cidades. Mas os preços dos bens de consumo que traziam o incremento das velhas sacolinhas não caíram. E o benefício passou, pouco a pouco, a ser questionado. Situação parecida ocorreu em Brasília (DF), João Pessoa (PB) e Palmas (TO).

Um dos ápices aconteceu em 2011, quando o então prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, sancionou a Lei de nº 15.374 que proibia a distribuição gratuita de sacolinhas plásticas pelos supermercados, a partir de janeiro do ano seguinte. Pouco depois, em abril de 2012, cerca de 4 mil estabelecimentos paulistas deixaram de distribuir sacolas plásticas nos caixas para respeitar um acordo entre o governo do Estado de São Paulo e a Associação Paulista de Supermercados (Apas).

A reação da ABIEF, por meio de seu Comitê de Sacolas – que nasceu em 1997 e existe até hoje – e em parceria com outras entidades como o Instituto Sócio-Ambiental dos Plásticos (Plastivida), foi imediata. A intenção era promover estudos que provassem que a sacolinha estava longe de ser um problema ambiental e que punir o consumidor com sua retirada do varejo era, no mínimo, um retrocesso.

OS 3 R'S DA SUSTENTABILIDADE



REDUZIR

Este é o primeiro pilar do Programa de Qualidade e Consumo Responsável de Sacolas Plásticas. Reduzir: Cada um tem sua responsabilidade:

A indústria de embalagens plásticas se comprometendo a fazer sacolas mais resistentes (respeitando a norma ABNT 14.937).

- *Os supermercados exigindo o Selo de Qualidade Abief-INP nas sacolinhas que adquirirem e informando o consumidor sobre sua qualidade.*
- *O consumidor utilizando cada sacola conscientemente, em sua totalidade (enchendo-a até o topo), sem duplicidade nem exagero, e fazendo a correta disposição do lixo.*



REUTILIZAR

A pesquisa do IBOPE confirmou que 100% das pessoas reutilizam as sacolinhas plásticas como saco de lixo.

As sacolinhas são eficientes e muito úteis para a população. Se elas não existissem, outros materiais teriam de cumprir essas funções, muitas vezes com maiores danos ambientais. Mas, lamentavelmente, a imagem é afetada pelas sacolinhas que terminam no meio ambiente – um grande problema que deve ser solucionado por meio da educação da população quanto ao descarte correto do material.

Reutilizar é um compromisso de todos. Depois de transportar as compras, a sacolinha pode ser reutilizada para, entre outros:

- *Acondicionar o lixo doméstico;*
- *Transportar objetos diversos;*
- *Recolher fezes de cachorro nas ruas.*
- *As sacolinhas que não puderem ser mais reutilizadas devem ser limpas e colocadas no lixo reciclável, junto com os demais plásticos.*



RECICLAR

É imprescindível praticar a coleta seletiva do lixo e destinar as sacolinhas para reciclagem. No entanto, por serem muito utilizadas para o acondicionamento de lixo, as sacolas plásticas deixam de estar disponíveis para a cadeia de reciclagem mecânica. Por essa razão, a indústria brasileira, a exemplo do que fizeram alguns países europeus, vem fomentando a reciclagem energética como parte importante da solução do problema do lixo urbano, composto por mais de 57% de matéria orgânica, segundo dados da Abrelpe (Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais). O processo consiste na queima dos resíduos em usinas termoelétricas capazes de gerar energia a partir do lixo, em um processo limpo. Nesse caso, a sacolinha plástica funciona como combustível para ajudar na queima do lixo orgânico.

- *Tudo começa com a coleta seletiva do material reciclável em recipiente separado do lixo comum, para que seja enviado às recicladoras.*
- *Deve-se reciclar mecanicamente o que faz sentido, ou seja, o que gera menos impacto ambiental do que fazer um novo.*
- *Cada material, dependendo de sua condição pós-consumo (limpeza, facilidade de identificação etc.), tem um fim de vida ideal, que pode ser: reciclagem mecânica, reciclagem energética, compostagem e envio para aterros, entre outros métodos.*

DADOS

- *Segundo pesquisa do IBOPE, 82% das pessoas transportariam mais produtos se as sacolas plásticas fossem mais resistentes.*
- *Ainda de acordo com a pesquisa, 100% das pessoas reutilizam as sacolinhas plásticas como saco de lixo; 20% para guardar e armazenar coisas - principalmente a classe D - e 18% reutilizam-nas para transporte de roupas, mantimentos e objetos diversos.*
- *O programa de Qualidade e Consumo Responsável de Sacolas Plásticas foi implantado em cinco capitais e a estimativa de redução para 2009 é de 16,2%.*

CONSUMO RESPONSÁVEL

“Artefatos de plástico, inclusive a sacolinha, não têm pernas, nem asas, nem nadadeiras. Se foram parar no lugar incorreto é porque o descarte foi feito de modo inadequado”, essa frase de Alfredo Schmitt resume bem a importância que cada um de nós exerce na destinação correta das embalagens que protegem aquilo que consumimos. E com esse objetivo, desde 2009 a ABIEF participa ativamente do Programa de Qualidade e Consumo Responsável de Sacolas Plásticas, lançado pela indústria de resinas termoplásticas e que conta com o apoio da Associação Brasileira de Supermercados (Abras).

O principal foco do programa, que trabalha os conceitos de “Redução, Reutilização e Reciclagem”, é contribuir com a preservação do meio ambiente, sem desconsiderar a importância da sacola no cotidiano do brasileiro. Une fabricantes e varejo para incentivar o uso de sacolas que sejam produzidas de acordo com a norma ABNT 14.937 e identificadas com o Selo de Qualidade ABIEF-INP. Por serem mais resistentes e, portanto, carregarem maior peso, as sacolas produzidas de acordo com a norma desestimulam a sobreposição de uma sacola sobre a outra ou sua subutilização.

sociedade sobre o tema: 69% dos consumidores queriam o retorno daquelas sacolas plásticas. Uma inversão considerável, levando-se em conta que em janeiro daquele mesmo ano 57% eram a favor do seu banimento. “Nessa ocasião, o consumidor já entendia o impacto que a ausência das sacolinhas tinha na sua vida”, explica Alfredo Schmitt, atualmente responsável pelo Comitê de Sacolas da ABIEF.

E esse impacto foi sentido também no bolso. O consumidor se deu conta que o descarte do lixo doméstico precisaria continuar sendo feito em sacos plásticos. “Era trocar seis por meia-dúzia”, conta Schmitt. Só que agora, se pagaria pelo envoltório que antes vinha gratuitamente com as compras. E os preços nas gôndolas não pareciam refletir nenhuma economia proveniente da extinção das sacolinhas.

Em agosto de 2012, uma liminar da Câmara Reservada ao Meio Ambiente do Tribunal de Justiça de São Paulo determinou o retorno à distribuição gratuita de sacolas. Opções sem logomarca, reutilizáveis ou equivalentes, deveriam ser colocadas à disposição para compra, ampliando o direito de escolha do cliente. Em outubro daquele ano, nova pesquisa Datafolha revelava que já era da vontade de 88% dos paulistanos a gratuidade dessas embalagens.

Fontes
Renováveis



A inovação está onde menos se espera

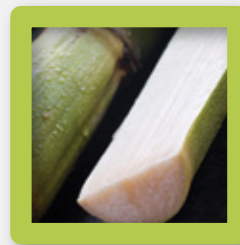
A utilização de combustíveis fósseis em diversas aplicações industriais, se por um lado alavancou o desenvolvimento de países e trouxe o advento de novos materiais que revolucionaram a vida das pessoas, por outro, levantou um sinal de alerta, capaz de preocupar boa parcela da população mundial nos anos 1990: o efeito estufa.

O aquecimento, que nada mais é do que um processo natural para manter a terra na temperatura ideal, tornou-se um problema quando houve um desequilíbrio que passou a elevar rapidamente esse calor, colocando em risco todo o ecossistema.

Entre as razões mais visíveis dessa mudança climática brusca estava o aumento da emissão excessiva, e sem contrabalanceamento, de gases como o dióxido de carbono (CO₂), pela ação da indústria, e cuja fonte principal era a queima de combustíveis fósseis durante seu fracionamento.

A reação global a essa situação foi consolidada pelo Protocolo de Kyoto, em 1998, mas que só entrou em vigor em 2005. Seu objetivo é reduzir a emissão de gases poluentes e incentivar o desenvolvimento de alternativas sustentáveis e renováveis pela indústria mundial.

Diante desse cenário, petroquímicas como Dow Química, Braskem e Oxiteno passaram a investir na fabricação de resinas com matérias-primas alternativas.



A cana-de-açúcar captura o CO₂



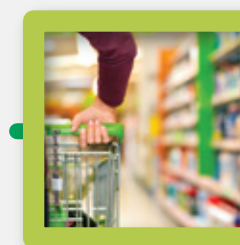
Produção de etanol



Produção do Eteno verde e Polietileno Verde



Transformação de Polietileno Verde em produtos



O consumidor pode optar por produtos mais verdes



O Polietileno Verde é 100% reciclável



Atualmente líder no mercado de biopolímeros, a brasileira Braskem tem capacidade para produzir anualmente 200 mil toneladas de polietileno verde. Esta história teve início muito antes, com pesquisas, mas se consolidou com a inauguração da planta de eteno verde, em 2010; era dado o primeiro passo para a fabricação de polietileno verde em escala industrial. Além da redução de CO₂, o bioplástico também pode ser reciclado dentro da cadeia convencional, o que o torna, além de ecológico, versátil.

Atualmente, estão disponíveis no portfólio de produtos as seguintes famílias do polietileno verde: I'm Green™ - polietileno de alta densidade (PEAD) e polietileno de baixa densidade linear (PEBDL) que cobrem aplicações de embalagens rígidas, flexíveis, tampas, sacolas, entre outras. A partir de janeiro de 2014, a família de polietileno de baixa densidade (PEBD) também passou a fazer parte do portfólio de produtos, cobrindo aplicações adicionais de embalagens e filmes.

Outras alternativas a partir de fontes renováveis vêm sendo estudadas, como é o caso do amido termoplástico, pesquisado pela Universidade de São Carlos (UFSCar). Futuramente, esses bioplásticos devem ser destinados a materiais flexíveis e descartáveis, com a

vantagem de serem também biodegradáveis e feitos a partir de materiais abundantes na natureza como milho, mandioca, entre outros.

Já os bioplásticos produzidos com ácido polilático (PLA), pela Basf e pela Natural Works, também são provenientes de fontes renováveis como o milho. Mas ainda que tenham como base o amido, as resinas passam por diferentes processos que garantem maior resistência e semelhança com os plásticos tradicionais. Podem ser reciclados, mas com restrições.

Apesar de serem biodegradáveis, os materiais à base de PLA precisam ser destinados a usinas de compostagem sob condições específicas de temperatura, luz e calor para que sua decomposição ocorra de forma adequada. Sua maior desvantagem é que quando encaminhados para um lixão convencional, liberam metano, o que seria mais danoso para a atmosfera que o próprio CO₂.

Mas esse é só o começo. No século da inovação, as pesquisas de alternativas que atendam ao mercado e sejam amigas do meio ambiente estão em expansão.

REDUÇÃO DOS GASES DO EFEITO ESTUFA

Sup 100% polietileno é um case de sucesso desenvolvido no Brasil

Quando em maio de 2011, a Dow Brasil lançou sua versão para Stand Up Pouch (SUP) 100% de polietileno, essas embalagens, práticas, flexíveis e capazes de ficar em pé ganharam um plus: a possibilidade de serem recicladas.

Até então, as versões disponíveis – e até hoje mais tradicionais no mercado – eram multimateriais, o que tornava difícil o processo de separação e reaproveitamento de seus componentes quando descartadas no pós-consumo.

A embalagem foi uma aposta no fortalecimento dos SUPs no mercado e nasceu durante pesquisas que buscavam soluções susten-

táveis e funcionais tanto para a indústria quanto para o consumidor. Sua receptividade tem sido grande no Brasil e no exterior, sendo um sucesso em países como o México, por exemplo, que a usa para acondicionar carne de frango congelada.

O acolhimento entre outras razões, está atrelado à sua fácil adaptação a diferentes formatos, boa aderência para processos de impressão (o que dispensa o uso de etiquetas) e à manutenção da mesma qualidade e segurança aos alimentos presentes nas embalagens

SUPs CONVENCIONAIS.

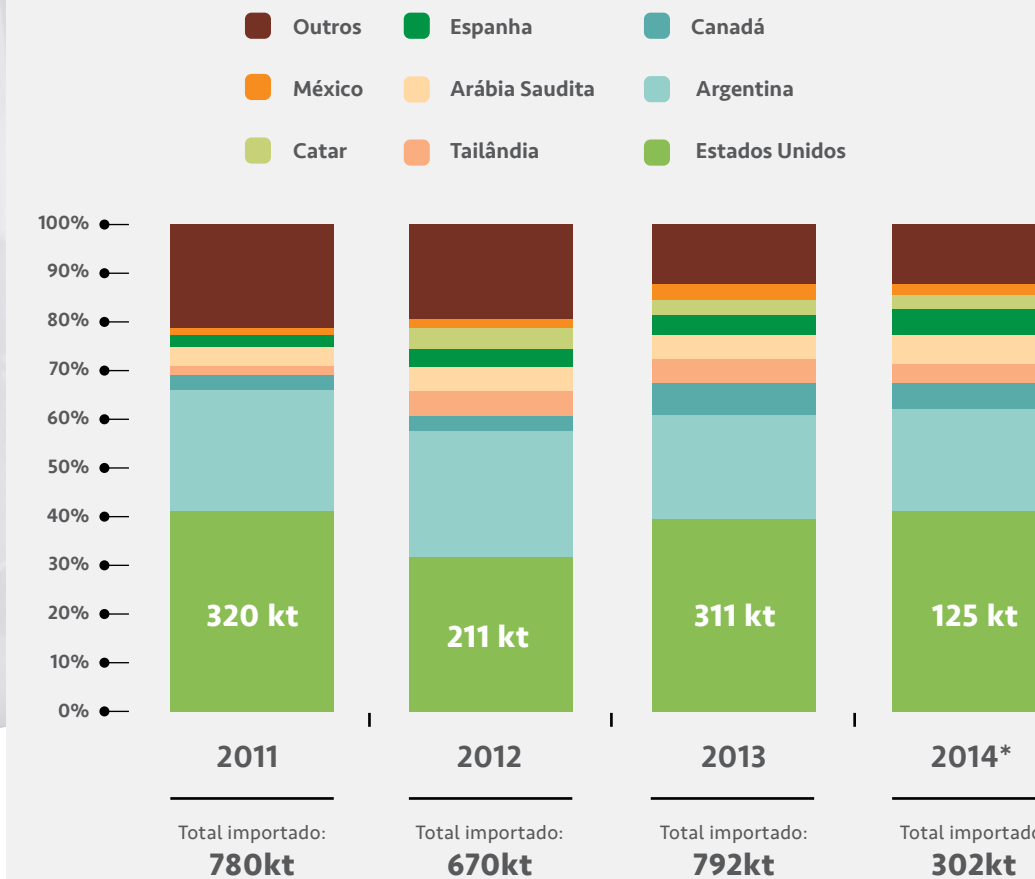
Segundo a Dow, “o modelo permite que sejam adicionados acessórios para que sejam oferecidas ao consumidor conveniências como facilidade de abertura e fechamento para manter a crocância e o frescor dos alimentos, tampas ou bicos direcionais”.



RADIOGRAFIA DA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE EMBALAGENS PLÁSTICAS FLEXÍVEIS

Origem das Importações Brasileiras de Polietilenos

As importações oriundas dos Estados Unidos apresentaram alta de 47% em 2013, e a tendência é que siga crescendo em 2014, em razão do excedente de polietilenos nesse país



Fonte MDIC
*até abril

VVI

CAPÍTULO
EMBALAGENS E A SOCIEDADE



Espírito
empreendedor



Investir para prosperar

Não é nenhum segredo que, no Brasil, atuar na indústria pode ser um verdadeiro desafio. Ao longo desse livro, você acompanhou uma história repleta de altos e baixos, mas também de muita vontade que gerou resultados onde menos se esperava. Espírito empreendedor, criatividade e coragem são palavras que precisam estar no vocabulário de quem faz a diferença no cenário econômico nacional. E foi assim que a maioria dos transformadores associados à ABIEF manteve-se firme em busca de soluções para a prosperidade não apenas de seus negócios, mas de todo o setor de embalagens plásticas flexíveis nos últimos 35 anos.

O motor da história não para e a procura constante por novos produtos que atendam às necessidades nascidas desse processo é um incentivo para que o setor continue se desenvolvendo para atender o mercado.

Há cerca de cinco décadas, buscava-se meios de proteger e transportar o alimento de forma mais eficiente. Quando isso aconteceu, passou-se a pensar em como aumentar seu prazo de validade

e torná-lo ainda mais seguro. E a legislação avançou muito nesse sentido, acompanhando o ritmo da sociedade e o novo grau de exigência dos consumidores.

No Brasil, órgãos como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária e de proteção ao consumidor, como o Procon, passaram a exercer um papel fundamental na regulamentação e aplicação de regras mais estritas de segurança para um público mais consciente. Com o passar dos anos, eram esperados produtos bons, eficazes e, também, amigos da natureza. Papel que o plástico teve que buscar cumprir.

“Nos últimos anos o plástico tem sido o principal material a trazer ganhos econômicos e ambientais à sociedade. Tem substituído outros materiais com vantagens de custo, proteção, armazenagem, praticidade. Flexíveis foi um dos segmentos que mais avançou e propiciou grandes vantagens neste sentido”, explica Beni Adler, da Nobelplast e 4º vice-presidente da ABIEF.

Sem dúvidas, atualmente, o cenário é muito diferente daquele em que a associação iniciou suas atividades. A inflação galopante deixou



*EMPRESAS PRECISAM TER NAS PRÓPRIAS
EMBALAGENS VERDADEIROS VENDEDORES
INVISÍVEIS, MESCLADOS AOS RÓTULOS
INTERESSANTES, EMBALAGENS PRÁTICAS,
COM DESIGN AO MESMO TEMPO BONITO
E FUNCIONAL*

de assustar os empresários, já nos anos final dos anos 1990, mesmo assim, ainda não há políticas claras ou suficiente incentivo que beneficiem diretamente o setor. Falta investimento em desenvolvimento de tecnologia e incentivo à exportação. Por outro lado, palavras como inovação, criatividade, novos mercados, desenvolvimento já fazem parte do vocabulário da indústria nacional.

“Os plásticos evoluíram e vão continuar assim pois novas aplicações se descobrem a cada dia. São leves, resistentes, isolantes, com barreiras e recicláveis, A medida que a sociedade vai aperfeiçoando o entendimento do valor deste produto. Especialmente, no que nossa empresa produz (sacolinha de supermercado) os plásticos se adaptaram muito bem. Hoje esse produto é quase insubstituível, pois é muito leve, resistente e carrega muitas vezes mais o seu peso.”, conta Valmor Picolo, da Zivalplast e diretor adjunto da ABIEF.

Pois o plástico já é uma realidade em lares, hospitais, atacado e varejo e está presente em tudo que nos cerca. Nesse mundo globalizado, em que a conexão trazida pela disseminação da internet e a popularização das mídias sociais transformou a relação das pessoas com os bens de consumo, a indústria de forma geral está sentindo na pele a pressão por soluções cada vez mais rápidas e que sejam capazes de surpreender o seu público. A preocupação com sustentabilidade que antes era um plus, torna-se uma palavra obrigatória para as líderes de mercado que pretendem continuar no posto.

Conquistar a atenção de pessoas conectadas em tempo real com o planeta inteiro e que já não movem por qualquer coisa tornou-se um desafio para o marketing das empresas que precisam ter nas próprias embalagens verdadeiros vendedores invisíveis, mesclados aos rótulos interessantes, embalagens práticas, com design ao mesmo tempo bonito e funcional. E essa indústria, cobrada por seu consumidor ávido de novidades, passa a exigir mais dos materiais e da tecnologia empregados pela indústria de transformação.

A ABIEF tem feito seu papel ao estimular a participação dos empresários em fóruns de embalagens, feiras e eventos nacionais e internacionais para que possam reciclar suas ideias. A própria associação realiza o Fórum Latino Americano de Embalagens Flexíveis com objetivo de “informar, quebrar paradigmas e trazer novos conceitos e realidades para o setor”, como informa em seu site.

Paul André Reiter, da Europack e diretor adjunto da ABIEF, reconhece a evolução das embalagens nos últimos anos, o que tem dado um retorno à sociedade com materiais mais atrativos (bonitos) e eficientes (econômicos). “Esse movimento tende a continuar, já que tecnologia sempre está evoluindo e a informação chega muito rápido em todos os lugares. Destaco os lançamentos nas feiras e congressos fora do País, principalmente na Alemanha e Estados Unidos”, analisa.





Depoimentos



Como os empresários do setor veem o papel da ABIEF nos próximos 35 anos!

“Vejo a ABIEF ainda mais forte, trabalhando lado a lado com a Abiplast, para pavimentar um caminho saudável para as empresas nacionais, já que acho que o caminho é uma globalização ainda mais consolidada”

Paul André Reiter
Europack



“Vejo a ABIEF no papel de líder competente para ajudar o Brasil a alcançar resultados econômicos sociais e ambientais muito superiores aos que hoje vivemos”

Beni Adler
Nobelplast

“Com as conquistas que a ABIEF obteve nestes 35 anos, acredito que nosso papel no Brasil nestes próximos 35 anos é o de contribuir para o aumento da competitividade de nosso país. Devemos nos unir mais a cada dia para reduzir o Custo Brasil, exprimir a flexibilidade característica do brasileiro no modelo de negócios na cadeia do plástico e levantarmos a bandeira da sustentabilidade através das embalagens nossos produtos”.

Laura Canteiro
Embaquim



“Acredito que o maior desafio da ABIEF para os próximos 35 anos seja aumentar a participação de transformadores em seu quadro de associados. Temos um país continental e precisamos trazer todos para a Associação, para ficarmos cada vez mais fortes e com mais representatividade em todos os elos da cadeia”.

Kleitton Karmo
Plasdil

“Essa recente união da ABIEF com a Abiplast demonstra o quanto é importante termos associações fortes, em defesa de um único objetivo. Temos que atuar como cadeia integrada, com a união de forças com a petroquímica, transformadores e setor público para que, em conjunto, possamos vencer os enormes desafios que surgem a cada na busca da competitividade global”.

Paulo Roberto Salles
Plastigaur

“A ABIEF terá um papel muito importante contribuindo para a ampliação das fontes de abastecimentos de resinas e demais insumos através da busca de fornecedores externos, estimulando a competitividade na produção e comercialização de nossas matérias-primas, conscientizando os associados quanto à formação correta dos preços de venda e atuando junto ao governo nas questões tributária e ambiental para que o plástico não fique em desvantagem em relação a outras matérias-primas. Enfim, educando e orientando os transformadores. A consolidação desta tarefa, no entanto, ficará a cargo da próxima geração.

Oswaldo Rezende
CBselos

“Ser mais participativa no meio tributário devido à sua importância na formação dos custos dos nossos produtos. Informações mais profundas do seguimento visando o curto e médio prazos tais como as movimentações do câmbio, petróleo e resinas. Antecipar informações dos novos projetos trabalhistas que sempre nos pegam de surpresa. Desenvolver projetos bem fundamentados para solicitar algumas mudanças que nos tragam mais segurança para nosso crescimento”.

Valdomiro Pereira do Carmo

Plasdil.



“Considero o papel da ABIEF muito importante para o segmento de polietilenos pois através dela conseguimos juntar as diversas empresas do setor e lutar pelo interesse comum com união de todos os empresários do setor”.

Eli Kattan,

Zaraplast

“No futuro, claro que cada gestão tem suas características, mas creio que de uma forma geral ela tem cumprido o seu papel satisfatoriamente e hoje, é uma entidade reconhecida e respeitada. Aproveitando a oportunidade, desejo a ABIEF, outros 35 anos de sucesso”.

Jacques Siekierski

Brampac.

“No futuro eu imaginaria a ABIEF atuando mais fortemente na busca de soluções e defesa das indústrias de transformação, notadamente na busca de uma reforma tributária que hoje é totalmente desigual em relação as petroquímica.

Outro trabalho que vejo como importante por parte da ABIEF é lutar para termos mais fornecedores de resinas. Hoje dependemos fortemente de um monopólio nacional e ou de importações com carga tributária elevada tornando as resinas do Brasil, muito mais caras do que em outros países.

Se a ABIEF realizar e atuar com força nestes pontos, com certeza, agregaria muito mais associados e se tornaria muito mais forte e respeitada junto às indústrias, ao mercado e aos órgãos públicos.”

Valmor Picolo

Zivalplast.



“A Associação é de extrema importância para o setor; ela possibilita canalizar várias iniciativas de melhorias operacionais, financeiras, fiscais, tributárias e legislativas, além de dar oportunidade para as empresas terem uma voz mais forte. Em um ambiente muito difícil, é fundamental o apoio da ABIEF, ajudando seus associados a contornar dificuldades e a promover melhorias para o setor e para as empresas.

Imagino que nos próximos 35 anos a ABIEF ampliará ainda mais seu papel de representante de nosso segmento e de indutora de melhorias, oferecendo aos associados conhecimentos importantes e funcionando como um fórum para a troca de experiências. À medida que o setor cresce e amplia sua importância no PIB do Brasil, a ABIEF ocupará espaços mais importantes junto ao governo e demais setores industriais. Um setor unido pode chegar muito mais longe!”

Nabil Hanna

Embal.

“Com o crescimento do mercado de embalagens, surgiu a necessidade de uma associação onde os empresários pudessem se encontrar para debater assuntos em comum à classe, visando a maior união na defesa dos interesses do setor.”

Cecília Kuk

Nold Politech

“Em 35 anos a ABIEF criou corpo e teve um papel muito importante principalmente quando ganhou maturidade. E buscou fazer o novo com um olhar voltado para o longo prazo.

O mundo mudou, as tecnologias mudaram, e a ABIEF continuou defendendo a importância dos flexíveis no dia a dia de todos. Neste novo mundo, onde há excesso de informações, precisamos de uma entidade que represente nossos interesses e proteja a imagem dos flexíveis. E isto a ABIEF tem feito com maestria e profissionalismo. De modo geral, nós empresários, ajustamos nossas agendas para trabalhar em prol do mercado.

Tenho certeza que nos próximos 35 anos teremos uma associação mais forte e mais reconhecida por sua incansável busca pelos interesses e aprimoramento do mercado. O caminho será cada vez mais duro, mas a missão de agrupar, zelar, desenvolver e promover estará assegurada e em boas mãos.”

Dov Gerzgorin

Packfilm

“Minha participação na ABIEF começou em 2001 e ao longo desses anos enxerguei o quanto é importante termos uma entidade forte, com representatividade, em defesa do nosso setor.

Para os próximos 35 anos acredito que a ABIEF possa estar contribuindo cada vez mais para a competitividade do nosso setor, lutando para alcançarmos o caminho do crescimento.”

Teddy Djmal

Altaplast

Vejo a ABIEF no papel de líder competente para ajudar o Brasil a alcançar resultados econômicos sociais e ambientais muito superiores aos que hoje vivemos”

• Beni Adler •

Nobelplast

“Minha trajetória na ABIEF é muito recente, mas destaco a participação na formação do grupo para defender e traçar estratégias e ações para o setor e em especial para as indústrias fabricantes de sacolas plásticas.

Esta associação é fundamental na busca dos interesses do setor ao participar ativamente na integração da indústria com seus clientes e fornecedores e ao traçar estratégias políticas e sociais favoráveis aos seus associados.

Em um país com dimensões continentais, complexidade tributária e diversidades culturais, a ABIEF tem um papel fundamental na qualificação e orientação das empresas. E ela continuará tendo um papel importante no desenvolvimento técnico/qualitativo e na organização das indústrias visando fortalecer os mercados interno e externo e a competitividade do setor.”

Stefano Geronimi
Valbags

“Entrei para diretoria da ABIEF na gestão do Sérgio Carneiro e confesso ter ficado surpreendido, positivamente, pelo nível de competência e profissionalismo com que as coisas acontecem nesta associação. A ABIEF é e sempre foi extremamente importante para a indústria de embalagens flexíveis no Brasil, principalmente por ser o mecanismo pelo qual os associados possam ouvir e serem ouvidos sobre assuntos pertinentes e importantes para o segmento. Não podemos deixar de participar do que acontece no Brasil e no mundo, especialmente sobre o que impacta em nosso setor. E a ABIEF tem se mostrado como a ferramenta ideal de propagação destes acontecimentos.

Imagino que nos próximos 35 anos teremos uma entidade cada vez mais forte e atuante, afinal ela tem sido construída de maneira sólida e estruturada para encarar os desafios futuros.

Eduardo Scodro,
da Cepalgo

Procuro contribuir com a ABIEF no sentido de buscarmos maior competitividade e definitivamente trabalharmos como uma cadeia produtiva. Precisamos buscar isenções tributárias e ambiente mais propício para novos investimentos e a ABIEF é o palco ideal para estas ações.”

Rodrigo Bueno,
da PackSeven

“Como uma das fundadoras desta associação, nossa empresa participou de diversas fases e demandas, sempre em prol do setor. Se não tivéssemos há 35 anos nos unido, certamente o setor não teria chegado onde chegou, em tamanho e em representatividade na cadeia produtiva do plástico.

Enquanto meu tio Luiz Carlos Calió esteve à frente da empresa, sempre participou ativamente, dava um valor enorme à ABIEF. Quando comecei a participar, senti o que ele falava. Hoje posso dizer que muito foi feito e ainda temos muita coisa a fazer; muitas vezes não na velocidade que precisamos, mas com todo empenho dos que fazem a árdua tarefa do dia a dia.”

José Carlos Calió Foresti
Scipião.

“Entendemos a importante contribuição individual de cada empresa do nosso setor para aumentar a representatividade de nossa associação. A cada dia esta entidade fortalece os laços e sua presença na cadeia, colocando a embalagem plástica flexível como um item essencial na vida de cada empresa e empresário.

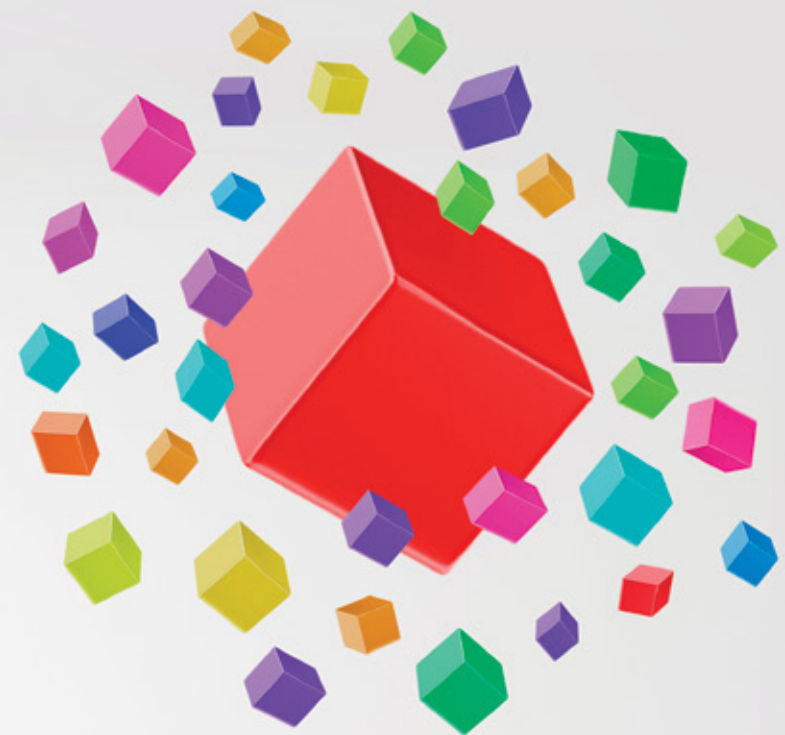
E a Lord, em seus 48 anos, tem a certeza de ter contribuído para a ABIEF ser esta referência ativa. Engrandecemos o nome de nossa associação perante a sociedade brasileira.”

Herman Moura
Lord.

WV III

CAPÍTULO

EMBALAGENS FLEXÍVEIS: DESIGN E FUNÇÃO SOCIAL



Os novos conceitos

Design Thinking, sustentabilidade, inovação e pensamento holístico são conceitos que não podem estar fora da lista dos empresários transformadores plásticos que queiram acompanhar as tendências, entender o rumo tomado pelas grandes corporações e suprir as necessidades do mercado nos próximos anos.

A indústria de bens de consumo sinaliza um novo caminho, influenciada pela mudança no perfil do consumidor e no modo como as relações com ele se dão.

Isso ocorre, em parte, devido à interatividade trazida pelas novas tecnologias. Hoje, a relação entre indústria e consumidor está muito mais próxima.

Diante desse quadro, não basta que as embalagens de produtos cumpram suas funções de armazenar, cuidar, proteger o e fazer a uma

bela e eficiente apresentação da marca. Tornam-se elas mesmas parte de um processo maior, que aproxima o consumidor da empresa em que confia. Sua escolha é consciente, bem pensada e suas experiências de compra e consumo compartilhadas nas mídias sociais com amigos – e replicadas por estes.

As embalagens tornam-se uma espécie de Relações Públicas da marca, um RP que o consumidor leva para casa e com quem continua interagindo durante todo o processo de utilização do produto. Esses empaques, muitas vezes, podem ter seu design concebido a partir de insights dados pelos próprios clientes nos canais de comunicação das empresas e nascer a partir de projeto colaborativos.

No mais, soluções que resolvam problemas logísticos, e ao mesmo tempo possam ser divulgados como amigos do meio ambiente, continuarão a ser uma boa aposta. Reduzir materiais na composição das embalagens e torná-las mais leves ou investir na reciclagem, utilização do potencial energético ou, dependendo do produto, a escolha por plásticos biodegradáveis são caminhos importantes que se reafirmam.

Para atender a essas demandas, o futuro cobra dos transformadores plásticos atualização constante e atenção às soluções inovadoras que podem fazer toda a diferença na hora de conquistar ou manter o seu espaço.



Embalagens
flexíveis

A função social das embalagens flexíveis: um panorama evolutivo

por Fabio Mestriner*

A múmia do Faraó está ali, deitada em seu sarcófago, exatamente como permaneceu nos últimos milênios; intacta como foi depositada em sua tumba numa época distante ainda no apogeu do império Egípcio. Os visitantes do museu do Cairo, impressionados por esta visão, nem de longe imaginam que o que estão vendo só se tornou possível graças a uma embalagem laminada que preservou seu conteúdo por milhares de anos, cumprindo de forma excepcional a missão para a qual foi concebida.

O sarcófago do Faraó é uma embalagem que constitui um prodígio tecnológico; difícil de acreditar que tenha sido concebida e executada há mais de quatro mil anos... Sua estrutura é formada pela laminação intercalada de folhas de papiro e linho fixadas por um adesivo que as unifica numa estrutura que, depois de moldada na forma do corpo que deverá preservar, foi pintada e envernizada.

A laminação é uma das tecnologias mais atuais e que vem apresentando algumas das soluções mais eficientes e inovadoras para a proteção e preservação dos mais diversos produtos, graças à possibilidade de combinar, numa mesma estrutura, filmes compostos com materiais diferentes que agregam à estrutura as características e propriedades necessárias para atender aos requisitos de cada produto.

O fato de ela ter sido adotada em época tão remota nos faz pensar no quanto este tipo de solução tem relação com a evolução da sociedade humana pois a embalagem é um componente da vida em sociedade e vem evoluindo conforme a civilização avança.

A embalagem flexível moderna pode ter se iniciado antes disso, mas um importante marco em sua evolução foi a criação, em 1920, pela Du Pont, do celofane, filme transparente pioneiro proveniente da celulose. O celofane foi, depois do vidro, um dos primeiros materiais transparentes. A transparência traz um componente quase mágico ao nos permitir enxergar através do material; a transparência é percebida pelo consumidor como um “valor” ao desvendar o conteúdo da embalagem.

Ao longo do tempo, a transparência tem sido objeto de intensa busca da indústria. Materiais como o PVC, o PET e os filmes que apresentam níveis diversos de transparência, inclusive a “transparência de contato”, foram conseguidos graças a intensas pesquisas e a uma busca incessante por estas características.

Uma pergunta recorrente, feita no mundo dos produtos e das embalagens, é: “por que as embalagens plásticas cresceram tão rapidamente e ocuparam um espaço tão amplo no mercado?”.



A resposta começa pelo próprio nome que lhe deram. Para quem acredita que nome é destino, a “plasticidade” deste novo material, desenvolvido no início do século XX, é sem dúvida seu principal fator de sucesso. Mas a transparência não fica atrás, podendo ser considerada uma característica diferencial em relação aos materiais até então existentes, exceção feita, como já disse, ao vidro.

Mas foi a laminação e a capacidade de solda de dois componentes que fizeram a grande diferença, pois permitiram que os plásticos fossem combinados entre si e com outros materiais, gerando soluções capazes de atender a uma ampla gama de requisitos. Isso possibilitou que as embalagens plásticas flexíveis participassem de um número cada vez maior de categorias de produtos.

É importante lembrar que nenhum produto concorre no mercado; os produtos concorrem em uma categoria. Ou seja, o sabonete não concorre com o macarrão, este não concorre com a margarina e assim por diante. Esta constatação é fundamental para se compreender que toda embalagem compete pela oportunidade e pelo privilégio de embalar uma determinada categoria de produto.

Os materiais e os diversos tipos de embalagem disputam, na verdade, as categorias, não apenas os produtos ou seus fabricantes. Apenas para ilustrar este conceito, vale lembrar que o papel não conseguia participar das categorias de produtos líquidos por não ser impermeável até que uma empresa da Suécia começou a embalar o leite numa embalagem de papel parafinado e depois desenvolveu uma embalagem multicamadas que utiliza papel, filme de polietileno e alumínio para dar seis meses de vida de prateleira para um produto que durava apenas dois dias.

A embalagem de plástico flexível começou “embrulhando” os produtos e competindo prioritariamente com o papel na forma de envoltórios, sacos, bolsas e pacotes. Mas com a criação do stand-up pouch ela passou a competir com os cartuchos, latas, potes de vidro e frascos plásticos, participando de um número cada vez maior de categorias onde antes não tinha espaço.

Vemos que a transparência, a flexibilidade, a impermeabilidade, a resistência, a soldagem garantem à embalagem plástica flexível a possibilidade de oferecer respostas a um número enorme de requisitos de produtos. Isso não apenas graças à combinação de barreiras e outras características, mas principalmente pela capacidade de combinar to-

dos os atributos e gerar soluções que permitem concorrer e participar de um número enorme de categorias. Este tipo de embalagem vem crescendo constantemente e deve abrir ainda novas possibilidades com o advento da nanotecnologia, que certamente terá impacto no futuro do setor.

Outro aspecto que merece ser mencionado na evolução das embalagens flexíveis é o fato de os filmes serem leves, mas resistentes o suficiente para embalar uma grande quantidade de produto com uma quantidade mínima de material. O que certamente é um ponto positivo deste tipo de embalagem quando avaliada por um sistema de ACV (Análise de Ciclo de Vida).

Embora seja recente e esteja ainda no início de sua caminhada, já que os grandes desenvolvimentos e aplicações dos filmes plásticos em embalagens remontam ao final da segunda grande guerra, é inegável que as embalagens plásticas flexíveis têm um grande futuro pela frente.

Fabio Mestriner
Professor coordenador do Núcleo de Estudos da Embalagem da ESPM
Professor do MBA de Marketing da Fundace USP
Autor dos livros “Design de Embalagem Curso Avançado” e “Gestão Estratégica de Embalagem”





ABIEF
35 ANOS

CAPÍTULO VIII

EMBALAGENS
FLEXÍVEIS: DESIGN
E FUNÇÃO SOCIAL
+ CASES

Cases: a evolução do design das embalagens plásticas flexíveis

Fabio Mestriner*

Café Farm House (1982)

A embalagem desenvolvida para esta marca exclusiva (marca própria) de cafés, introduziu um conceito inovador: oferecer uma assessoria comercial e de marketing para as empresas que desejassem utilizar a marca em seus produtos, mediante o pagamento de um royalty. O projeto foi desenvolvido pela Seragini Design sob a direção de Design de Fabio Mestriner.

Por seu conceito inovador e sua proposta de oferecer produtos naturais que trouxessem as coisas boas e o sabor da fazenda, esta embalagem aliou a necessidade de garantir uma boa “shelf

life” (vida de prateleira) à necessidade de transmitir naturalidade. O material utilizado foi o BOPP (polipropileno biorientado) metalizado fosco, que ainda não estava disponível no Brasil, mas que já fazia sucesso na Europa e Estados Unidos.

A Empax importou este material e se tornou parceira no lançamento desta embalagem inédita no país.

Aro Gatos (1993)

Sabemos que a embalagem agrega valor ao produto de diversas formas. Uma delas é a praticidade percebida quando o produto facilita e ajuda, de alguma

forma, o consumidor a escolher, carregar, dispensar e utilizar o produto. A experiência do consumidor acaba sempre impactada pela embalagem do produto e uma “alça”, acrescentada na embalagem de produtos que precisam ser carregados, é percebida de imediato como algo positivo, conforme revelam as pesquisas.

A embalagem criada pela Packing é um stand-up pouch com alça. O zíper foi outro dispositivo fundamental para o refechamento da mesma, pois os gatos são muito exigentes e o aroma da ração precisa ser mantido em uma embalagem hermeticamente fechada.

Papel Ripax (1992)

O Papel Ripax revolucionou a categoria dos papeis “Cut Size” ao adotar a linguagem visual dos produtos de informática, categoria onde este papel passou a ser utilizado como “suprimento”. Esta mudança de posicionamento representou um grande desafio pois a impressão flexográfica em quadricromia, com imagens de computador e ilustrações mais elaboradas, ainda apresentava muitas limitações técnicas na época.

O projeto realizado pela Seragini Design foi impresso pela Antilhas, que participou ativamente na solução dos problemas que a nova proposta apresentava. A integração do Design com a Indústria de embalagem, na fase de desenvolvimento do projeto, se mostrou determinante para o sucesso deste projeto vencedor. Sempre que os designers recorrem à indústria e a incluem em seus projetos, os resultados tendem a ser melhores. Por isso esta proposta vem ganhando cada vez mais adeptos.

Pão de Hambúrguer Seven Boys (1993)

Muitos produtos embalados em sacos flexíveis demoraram para incluir fotografias em sua impressão. Em diversas categorias, como o pão para hambúrguer, as embalagens apresentavam apenas grafismos geométricos, logotipos e elementos visuais bastante tímidos. A inclusão de imagens nas embalagens de categorias onde elas ainda não eram utilizadas se revelou uma forma eficaz de aumentar vertiginosamente a venda destes produtos. Ao introduzir a foto do hambúrguer em sua versão final - sanduíche montado, a Seven Boys conquistou uma impressionante vantagem competitiva.

Esta estratégia pode parecer banal, mas a inclusão de imagens que evocam de forma glamurosa a principal utilização/benefício do produto, funcionou bem todas as vezes em que foi adotada e nos deixa como lição que a boa qualidade da impressão, aplicada à imagem correta, torna o produto imbatível no ponto de venda.

Biscoito Marilan (1999)

Esta singela embalagem de biscoitos representou um grande desafio para a agência de design Packing. Era preciso traduzir e adaptar o texto e a linguagem visual para o mercado chinês, o que não foi fácil. Todo produto compete numa categoria que tem códigos visuais e linguagem própria que precisam ser respeitados. Nesta embalagem, a grande dificuldade estava justamente em fazer com que o design respeitasse o idioma e a linguagem visual que este tipo de produto tem na China.

Esta é, na verdade, uma das grandes dificuldades que o Brasil encontra quando exporta para mercados com culturas tão diferentes da nossa.

Yankee Burguer (1998)

O hambúrguer para churrasqueira ainda não existia no Brasil embora fosse amplamente conhecido dos filmes e seriados norte-americanos; os personagens sempre aparecem assando o hambúrguer em churrasqueiras redondas e com rodinhas. Se o produto é diferente,

sua embalagem não pode ser igual às dos que ele quer se diferenciar. Por isso a embalagem do Yankee Burguer, um produto novo no mercado brasileiro, não poderia ser um cartucho de papel cartão igual ao utilizado pela concorrência.

A solução foi adotar a embalagem flexível que já vinha sendo utilizada com sucesso nos pescados e se encontrava disponível na gôndola gelada ao lado do hambúrguer. Muitas vezes a solução para a embalagem de um produto diferenciado está no próprio ponto de venda; é preciso procurar em volta, pois encontrar – e adotar – boas soluções, que já estejam em uso, encurta tempo e economiza dinheiro.

Sabão Razzo (1999)

Naquele tempo, o sabão em pedra era um produto cuja embalagem ainda não tinha recebido nenhuma atenção; ele continuava sendo “embrulhado” num filme com impressão em corte aleatório também conhecido como “Corte Lôco”. A Razzo foi provavelmente a primeira empresa a perceber que poderia mudar a imagem de seu produto perante as

consumidoras ao oferecer uma embalagem mais bonita, que valorizasse tanto o sabão quanto a consumidora.

O design criado pela Packing, que contrastava com a poluição causada pela impressão repetitiva do corte aleatório, garantiu delicadeza e transparência à embalagem, além de incluir flores que faziam menção ao perfume do produto. A visualização do sabão nesta embalagem, o nome em destaque, o filme transparente e as flores formaram um conjunto que deixou o produto longe de qualquer concorrência. Os outros se viram obrigados a evoluir e a categoria sabão em pedra passou a oferecer para os seus consumidores embalagens mais elaboradas e condizentes com os demais produtos da seção “para lavar roupas”, como os sabões em pó.

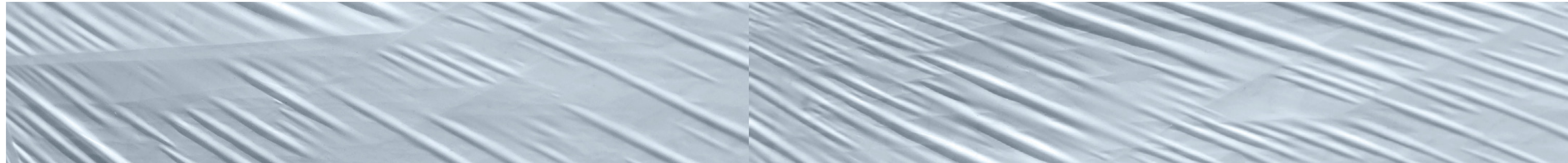
Camisetas Folha by Hering (1992)

Ao retirar seus produtos do mercado e passar a vendê-los exclusivamente nas lojas de sua marca, a Hering colocou no lugar a marca Folha by Hering para atender aos grandes clientes do varejo como Lojas Americanas, Extra

e Carrefour. Ao adotar esta estratégia, a empresa criou uma novidade no mercado Brasileiro: as camisetas passaram a ser vendidas em embalagens individuais, fechadas e com código de barras.

Esta solução inovadora multiplicou a venda de camisetas no varejo, mostrando que os produtos de vestuário, que antes eram vendidos avulsos, poderiam perfeitamente ganhar embalagens individuais adequadas ao sistema de vendas do autoserviço.

As novas embalagens traziam impressas no filme uma série de informações que antes não poderiam acompanhá-las; elas garantiam ainda a inviolabilidade das camisetas e a certeza de que ninguém as havia experimentado antes.



Do consumo à sustentabilidade

O mundo passou por mudanças irreversíveis nas últimas décadas e o segmento de plástico não ficou imune a este cenário. A evolução da tecnologia mudou significativamente o mercado de embalagens no que diz respeito ao consumo e distribuição de mercadorias. Hoje, o plástico flexível substituiu materiais como papel, alumínio ou em folhas de flandres na maioria das prateleiras dos supermercados brasileiros. Além disso, o material tornou-se fundamental para o acondicionamento e distribuição de diversos produtos com segurança. É o caso de bebidas como cervejas e refrigerantes, que saíram das caixas de papelão para serem embaladas por filmes encolhíveis, além da presença constante do filme stretch para a paletização das mais diversas mercadorias.

A mudança de hábito do consumidor também caminhou lado a lado com as melhorias tecnológicas do setor. Se antes as famílias brasileiras eram numerosas e realizavam compras em grandes quantidades, hoje é possível observar mudanças nesse perfil, com o crescimento do público formado por pessoas solteiras e o aumento do número de jovens casais sem filhos. Tudo isso demandou necessidades mais práticas e urgentes, que foram rapidamente captadas pelo setor de embalagens.

Em um mercado cada vez mais concorrido, equipamentos rudimentares, com baixa produtividade e aplicações específicas, foram substituídos por um maquinário extremamente competitivo. Ao longo das últimas décadas, o custo dessas máquinas foi reduzido em função da produção em escala, além de atingir índices produtivos mais expressivos. A sofisticação das máquinas de empacotamento não apenas atendeu à mudança do mercado consumidor como resultou na otimização cada vez maior do trabalho das diversas indústrias. Ou seja: foi possível produzir mais com menos. No mercado de açúcar refinado, por exemplo, a adoção do polietileno linear nas embalagens resultou no dobro da distribuição do item, sem a troca de equipamentos.

Outro fator que favoreceu o mercado de filmes flexíveis foi a expansão das fronteiras de consumo no Brasil. Com o crescimento da economia e o aumento da distribuição de renda, as regiões Norte e

Nordeste ganharam espaço no mapa do consumo, o que resultou na venda nacional de produtos antes consumidos apenas em determinadas localidades. Para garantir as condições originais dos produtos, houve uma melhoria significativa das condições de conservação dos produtos embalados.

Em um mercado já consolidado, o principal desafio dos fabricantes hoje está relacionado ao ciclo de vida do plástico e seus impactos ao meio ambiente. Por ser altamente durável, o plástico tem sido responsabilizado, de maneira equivocada, pela poluição e descarte indevido, por levar décadas para se decompor. Porém, a condenação do material pode ser redimida com o compromisso das empresas com estudos de análise de ciclo de vida.

Esta lição de casa já é aplicada na Braskem. Em 2010, a empresa lançou o plástico verde I'm green™, produzido a partir do etanol de cana-de-açúcar, matéria-prima renovável. Estudo concluído neste ano apontou que o plástico verde é capaz de capturar 2,15 quilos de CO₂ a cada quilo produzido. Além disso, 80% da energia consumida em todo o processo é proveniente de fonte renovável. Iniciativas como estas, que chegam ao mercado graças ao investimento constante em inovação e tecnologia, farão do plástico um item ainda mais útil e necessário ao mercado global, aliando as necessidades dinâmicas do consumidor a importantes demandas de sustentabilidade.

VIII

CAPÍTULO
MEMÓRIAS DA ABIEF

VIII

Memórias
da ABIEF



A associação como ela é*

"Diariamente uma enxurrada de telefonemas, solicitações e atividades burocráticas é destrinchada nos bastidores da ABIEF. Tal qual uma empresa, é preciso atender ao mercado – no caso os associados, com eficiência e excelência. E este trabalho nem sempre é dos mais fáceis. De demandas inusitadas a críticas e sugestões, a engrenagem de uma entidade de classe é constantemente azeitada pelos profissionais que, normalmente, atuam nos bastidores.

É comum que maior evidência seja dada ao corpo diretivo da entidade. Afinal, como uma empresa, uma associação também precisa ser personificada por seus porta-vozes. Mas o que seria desta máquina de realizar projetos, eventos, distribuir comunicados, agendar reuniões, sem os profissionais responsáveis por seu cotidiano?

Conhecida de todos por seus quase 20 anos como secretária-executiva e assessora da diretoria da ABIEF (completados em 2015!), Esmeralda Frias é a própria personificação da engrenagem da entidade. Como gosta de lembrar, está em seu quinto presidente, “cada um com peculiaridades pessoais e profissionais, mas todos com uma intenção genuína de contribuir para o setor”.

Do tradicionalista Israel Sverner, passando pelo vanguardista Sérgio Haberkfeld, pelo engajado Rogério Mani, contestador Alfredo Schmitt e o atual empreendedor Sergio Carneiro – como define cada um dos presidentes com os quais trabalhou, Esmeralda conta que o segredo

para se dar bem com todos está no entendimento da máquina de uma entidade de classe. “No início não foi fácil entender que o funcionamento de uma associação é muito peculiar. Além de realizar ações, é preciso satisfazer pessoas. Lidar com gente no dia a dia requer muito jogo de cintura; também é preciso apresentar resultados.”

Com uma sensibilidade à flor da pele, porém revestida da imparcialidade necessária ao profissionalismo, Esmeralda se envolve com tudo profundamente, embora consiga deixar o lado passional e emotivo devidamente “escondido”. Disposição é outra condição fundamental para o trabalho na ABIEF. Ela lembra que a estrutura da entidade demanda flexibilidade e prontidão. “Tudo pode acontecer a qualquer momento e todos devem saber fazer um pouco de tudo. Desde que entrei aqui, em 1995, sempre contamos com uma estrutura muito enxuta”. Hoje além dela, existem duas outras profissionais, uma na área administrativa/financeira e outra no operacional de marketing/eventos.

Como pontos marcantes em sua trajetória nos bastidores da ABIEF, Esmeralda lembra das eleições de 2001; da articulação da junção ABIEF, Abiplast e Afipol a partir de 2005 e que culminou na criação da Casa do Plástico em janeiro de 2012; e dos confrontos enfrentados pelo Comitê de Sacolas desde 2009 e que continuam até hoje instigados pelos projetos e leis que visam banir as sacolas plásticas dos supermercados.

Ela também faz questão de salientar que nas duas gestões de Rogério Mani (2005 a 2009), a diretoria ganhou um fôlego extra com a participação de empresários mais jovens. “O Rogério sempre foi um integrador; seu grande mérito foi e sempre será conseguir articular-se em qualquer esfera, com

qualquer geração. Ele circula com maestria entre jovens e mais experientes, mantendo um discurso transparente e defendendo os interesses da indústria como um todo.”

Também foi na era Mani que aconteceu a primeira edição do Flex – Fórum Latino-Americano de Embalagens Plásticas Flexíveis, evento que é realizado até hoje, com muito sucesso, anualmente.

Se por um lado Rogério Mani agregou a juventude à sua gestão, seu antecessor e mentor, Sérgio Haberkfeld (gestões 2001 a 2005), soube valorizar a participação das mulheres do setor. “Ele foi o primeiro presidente da ABIEF a convidar empresárias a participarem da diretoria, uma prática hoje completamente incorporada à realidade da entidade. Ele entendia que razão, sensibilidade e competência podem – e devem – caminhar juntas”, lembra Esmeralda.

As mulheres nesta gestão foram especialmente representadas na figura da assessora pessoal de Haberkfeld, Rosana Pereira, que também foi responsável por monitorar o dia a dia da entidade e materializar todas as inovações imaginadas pelo Presidente.

“Um comando exemplar: pulso firme e delicadeza. Eram muitas novidades imaginadas por Haberkfeld para colocarmos em prática e o acompanhamento mais próximo da Rosana foi fundamental nesta fase de transição de modelos de gestão.”

Sobre a gestão de Alfredo Schmitt, Esmeralda lembra que o Comitê de Sacolas, que ele havia assumido ainda como vice-presidente da gestão de Rogério Mani, ganhou novo fôlego e profissionalizou-se até culminar

no modelo atuante visto hoje. “A grande conquista foi colocar o Comitê de Sacolas como um braço da ABIEF, responsável exclusivamente pela defesa das sacolas plásticas”. Com orçamento e gestão próprios, mas sob as diretrizes da ABIEF, o Comitê segue encontrando-se regularmente ou sempre que o assunto mereça maior atenção.

Sobre o presidente atual, empresário Sergio Carneiro, Esmeralda derrete-se em elogios pelo dinamismo e jeitão “fazer tudo junto e ao mesmo tempo”. “Para ele não há barreiras ou limites; o importante é empreender, realizar e inovar. Fazer sempre mais e melhor; ele incorpora o real papel de uma entidade de classe que é o de oferecer produtos e serviço de valor para seus associados e trabalhar em pró do desenvolvimento da indústria que representa.” O livro dos 35 anos da ABIEF sintetiza o número de ótimos projetos que vêm sendo encabeçados desde que iniciou seu mandato em 2013.

Por tantas lembranças e realizações, o fato é que hoje a entidade ABIEF se funde à pessoa Esmeralda. Numa simbiose energética e extremamente positiva, é impossível dissociar as duas. Desde 1995 a história das duas foi selada em um pacto de fidelidade e dedicação que certamente continuará a trazer frutos para os próximos capítulos da indústria brasileira de embalagens plásticas flexíveis.

*Depoimento de Esmeralda Frias à jornalista Liliam Benzi

III

CAPÍTULO
DIRETORIAS

III

Directorias

DIRETORIA ABIEF – 1977 / 1979

PRESIDENTE: ISRAEL SVERNER

Diretoria

CARGO	REPRESENTANTE	EMPRESA
Presidente	Israel Sverner	Electro Plastic
1º Vice-Presidente	Djabra Harari	Edeá
2º Vice-Presidente	Luiz Carlos Calió	Scipião
3º Vice-Presidente	Antoninho de Campos	
4º Vice-Presidente	Jorge Ary	Master Ceará
1º Secretário	Leonidas Alperowitch	Polyfilm
2º Secretário	Avellar Cesar Nolasco	Granoplast
1º Tesoureiro	Renato Sabaga Mahfuz	Plastunion
2º Tesoureiro	Ruy de Paula Souza	Plastic Foil
Diretor Adjunto	Dov Kamenetz	Dover
Diretor Adjunto	Feres Abujamra	Plasco

Conselho Fiscal

Presidente	Jacques Sierkierski	Itap
Membro	Antonio Carlos A. Costa	Coplastil
Membro	José Carlos França Carvalho Jr.	
1º Suplente	Raymond Dayan	Zaraplast
2º Suplente	João Faria Borges	Regmar
3º Suplente	Vinicius E. Fornari	Panplastic

DIRETORIA ABIEF – 1979 / 1981

PRESIDENTE: ISRAEL SVERNER

Diretoria

CARGO	REPRESENTANTE	EMPRESA
Presidente	Israel Sverner	Electro Plastic
1º Vice-Presidente	João Francisco de Paula Souza	Plastic Foil
2º Vice-Presidente	Renato Sabaga Mahfuz	Plastunion
3º Vice-Presidente	Jayme Antonio Zanatta	Canguru
4º Vice-Presidente	Feres Abujamra	Plasco
1º Secretário	Leonidas Alperowitch	Polyfilm
2º Secretário	João Faria Borges	Regmar
1º Tesoureiro	Djabra Harari	Edeá
2º Tesoureiro	Dov Kamenetz	Dover
Diretor Adjunto	Martinho Faust	Automaton
Diretor Adjunto	José Alcino Bicalho	Embalaplast

Conselho Fiscal

Presidente	Modesto Giovanni Salvetti	Artefatos Plásticos Sul
Membro	Luiz Carlos Calió	Scipião
Membro	Avellar Cesar Nolasco	Granoplast
1º Suplente	Raymond Dayan	Zaraplast
2º Suplente	Emílio de Robert Divani	E. Divani
3º Suplente	Vinicius E. Fornari	Pan Plastic

DIRETORIA ABIEF – 1981 / 1983

PRESIDENTE: ISRAEL SVERNER

Diretoria

CARGO	REPRESENTANTE	EMPRESA
Presidente	Israel Sverner	Electro Plastic
1º Vice-Presidente	João Francisco de Paula Souza	Plastic Foil
2º Vice-Presidente	Fernando Marcondes de Mattos	Inplac
3º Vice-Presidente	Djabra Hararti	Edeá
4º Vice-Presidente	Jorge Xafy Ary	Iplac
1º Secretário	Leonidas Alperowitch	Polyfilm
2º Secretário	Daniel Adler	Nobelplast
1º Tesoureiro	Luciano C. Vallejo	Regmar
2º Tesoureiro	Edson Navarro	Poliem
Diretor Adjunto	Antonio Carlos A. Costa	Coplastil
Diretor Adjunto	José Alcino Bicalho	Embalaplast
Diretor Adjunto	Jayme Antonio Zanatta	Canguru
Diretor Adjunto	Eduardo Antonio Baracat	Plastpel
Diretor Adjunto	Haim Levy	Lemax
Diretor Adjunto	Luiz Carlos P. de Araujo	Marlícia

Conselho Fiscal

Presidente	Pedro Paulo de Almeida	Lider
Membro	Modesto Giovanni Salvetti	Artefatos Plásticos Sul
Membro	Carlos Eduardo de O. Lima	Plastinaf
1º Suplente	Orlando Coelho	Nagassara
2º Suplente	Martinho Faust	Automaton
3º Suplente	Lars Erik Ostrand	Allpac

DIRETORIA ABIEF – 1983 / 1985

PRESIDENTE: LEONIDAS ALPEROWITCH

Diretoria

CARGO	REPRESENTANTE	EMPRESA
Presidente	Leonidas Alperowitch	Polyfilm
1º Vice-Presidente	Edgard Nami Haddad	Plastunion
2º Vice-Presidente	Djabra Harari	Edeá
3º Vice-Presidente	Dov Kamenetz	Dover
4º Vice-Presidente	Edgar Targa	Itap
1º Secretário	Carlos Eduardo de O. Lima	Plastinaf
2º Secretário	Antonio Francisco de Paula Souza	Plastic Foil
1º Tesoureiro	Luciano C. Vallejo	Regmar
2º Tesoureiro	Daniel Adler	Nobelplast
Diretor Adjunto	Eduardo Antonio Baracat	Plastpel
Diretor Adjunto	Antonio Carlos A. Costa	Coplastil
Diretor Adjunto	Martinho Faust	Automaton
Diretor Adjunto	Hans Hellmut S. Gogarten	Foliuni
Diretor Adjunto	Fernando Marcondes de Mattos	Inplac
Diretor Adjunto	Ricardo Vívoló	Embrasa

Conselho Fiscal

Presidente	Israel Sverner	Electro Plastic
Membro	Raymond Dayan	Zaraplast
Membro	Domingos Dante Barretaa	Algoes
1º Suplente	Roberto Sales Fancaner	Granoplast
2º Suplente	Juares Costa e Silva	Iplasa
3º Suplente	Modesto Giovanni Salvetti	Artefatos Plásticos Sul

DIRETORIA ABIEF – 1985 / 1987

PRESIDENTE: EDGARD NAMI HADDAD

Diretoria

CARGO	REPRESENTANTE	EMPRESA
Presidente	Edgard Nami Haddad	Plastunion
1º Vice-Presidente	Djabra Harari	Edeá
2º Vice-Presidente	Eduardo Antonio Baracat	Plastpel
3º Vice-Presidente	Dov Kamenetz	Dover
4º Vice-Presidente	Fernando Marcondes de Mattos	Inplac
1º Secretário	Luciano Castro Vallejo	Regmar
2º Secretário	Antonio Francisco de Paula Souza	Plastic Foil
1º Tesoureiro	Luiz Carlos Foresti	Scipião
2º Tesoureiro	Daniel Adler	Nobelplast
Diretor Adjunto	Ricardo Vívoló	Embrasa
Diretor Adjunto	Sandro Sachetti	Itap
Diretor Adjunto	Hans Hellmut S. Gogarten	Foliuni
Diretor Adjunto	Kuk Tai Pang	Ásia
Diretor Adjunto	Edisson Faust	Automaton

Conselho Fiscal

Presidente	Israel Sverner	Electro Plastic
Membro	Leonidas Alperowitch	Polyfilm
Membro	Raymond Dayan	Zaraplast
1º Suplente	Modesto Giovanni Salvetti	Plastisul
2º Suplente	Orlando Coelho	Nagassara
3º Suplente	José Esteves Alonso	Elyson

DIRETORIA ABIEF – 1987 / 1989

PRESIDENTE: EDGARD NAMI HADDAD

Diretoria

CARGO	REPRESENTANTE	EMPRESA
Presidente	Edgard Nami Haddad	Plastunion
1º Vice-Presidente	Eduardo Antonio Baracat	Plastpel
2º Vice-Presidente	Sandro Sachetti	Itap
3º Vice-Presidente	Dov Kamenetz	Dover
4º Vice-Presidente	Fernando Marcondes de Mattos	Inplac
1º Secretário	José Alvaro de Paula Souza	Plastic Foil
2º Secretário	Oswaldo Nogueira	Esper
1º Tesoureiro	Daniel Adler	Nobelplast
2º Tesoureiro	Luciano Castro Vallejo	Regmar
Diretor Adjunto	Ricardo Vívoló	Embrasa
Diretor Adjunto	Kuk Tai Pang	Ásia
Diretor Adjunto	Ezra Negrin	Van Leer
Diretor Adjunto	Luciano Fantozzi	Sucaplast
Diretor Adjunto	Edisson Faust	Automaton
Diretor Adjunto	José Esteves Alonso	Elyson

Conselho Fiscal

Presidente	Israel Sverner	Electro Plastic
Membro	Raymond Dayan	Zaraplast
Membro	Orlando Coelho	Nagassara
1º Suplente	Celso Luiz Gusso	Parnaplast
2º Suplente	Alberto Nicoleit	Plastipack
3º Suplente	Simon Wenna	Helioplast



DIRETORIA ABIEF – 1989 / 1991

PRESIDENTE: ISRAEL SVERNER

Diretoria

CARGO	REPRESENTANTE	EMPRESA
Presidente	Israel Svener	Electro Plastic
1º Vice-Presidente	Eduardo Antonio Baracat	Plastpel
2º Vice-Presidente	Fernando Marcondes de Mattos	Inplac
3º Vice-Presidente	Edgar Targa	Itap
4º Vice-Presidente	Dov Kamenetz	Dover
1º Secretário	José Alvaro de Paula Souza	Plastic Foil
2º Secretário	Kuk Tai Pang	Ásia
1º Tesoureiro	Francisco Zoltan Racz	Van Leer
2º Tesoureiro	Luciano Castro Vallejo	Regmar
Diretor Adjunto	Alberto Nicoleite	Plastipack
Diretor Adjunto	Renato Sabbaga Mafhuz	Plastunion
Diretor Adjunto	Alberto Geronimi	Valplast

Conselho Fiscal

Presidente	Feres Abujamra	Plasco
Membro	Raymond Dayan	Zaraplast
Membro	Orlando Coelho	Nagassara
1º Suplente	Walder Ary	Master
2º Suplente	Teng Li Cheung	Poliplastics
3º Suplente	Simon Wenna	Helioplast

DIRETORIA ABIEF – 1991 / 1993

PRESIDENTE: ISRAEL SVERNER

Diretoria

CARGO	REPRESENTANTE	EMPRESA
Presidente	Israel Svener	Electro Plastic
1º Vice-Presidente	Eduardo Antonio Baracat	Plastpel
2º Vice-Presidente	Feres Abujamra	Plasco
3º Vice-Presidente	José Eduardo Zanatta	Canguru
4º Vice-Presidente	Celso Luiz Gusso	Parnaplast
1º Secretário	Benedicto Bernardo Ferraciu	Propack
2º Secretário	Luciano Fantozzi	Sucaplast
1º Tesoureiro	Alberto Dayan	Zaraplast
2º Tesoureiro	Alberto Geronimi	Valplast
Diretor Adjunto	José Álvaro de Paula Souza	Plastic Foil
Diretor Adjunto	Cecília Kuk	Ásia
Diretor Adjunto	Edgard Nami Haddad	Plastunion

Conselho Fiscal

Presidente	Fernando Marcondes de Mattos	Inplac
Membro	Marcos Juliano Lucas de Carvalho	AG
Membro	Teng Li Cheung	Aratu
1º Suplente	Orlando Coelho	Nagassara
2º Suplente	Edgard Targa	Master
3º Suplente	Marcelo Pereira Brasil	Toga

DIRETORIA ABIEF – 1993 / 1995

PRESIDENTE: ISRAEL SVERNER

Diretoria

CARGO	REPRESENTANTE	EMPRESA
Presidente	Israel Svener	Electro Plastic
1º Vice-Presidente	Eduardo Antonio Baracat	Plastpel
2º Vice-Presidente	Otávio Justa Neto	Master
3º Vice-Presidente	Celso Luiz Gusso	Arauplast
4º Vice-Presidente	Paulo Cimerman	Flexiplastic
1º Secretário	Vinicius Eurico Fornari Filho	Pan Plastic
2º Secretário	Benedicto Bernardo Ferraciu	Propack
1º Tesoureiro	Alberto Dayan	Zaraplast
2º Tesoureiro	Sandro Sachetti	Inesa
Diretor Adjunto	José Álvaro de Paula Souza	Plastic Foil
Diretor Adjunto	Ivan Salies	Toga
Diretor Adjunto	Edgard Nami Haddad	Plastunion
Diretor Adjunto	José Alvaro de Paula Souza	Plastic Foil
Diretor Adjunto	Roberto Tubel	Itap
Diretor Adjunto	Maurício Magalhães Stern	Termoplast

Conselho Fiscal

Presidente	Fernando Marcondes de Mattos	Inplac
Membro	Modesto Giovanni Salvetti	Plastisul
Membro	Orlando Coelho	Nagassara
1º Suplente	José Alvaro de Paula Souza	Plastic Foil
2º Suplente	Roberto Tubel	Itap
3º Suplente	Maurício Magalhães Stern	Termoplast

DIRETORIA ABIEF – 1995 / 1997

PRESIDENTE: ISRAEL SVERNER

Diretoria

CARGO	REPRESENTANTE	EMPRESA
Presidente	Israel Svener	Electro Plastic
1º Vice-Presidente	Eduardo Antonio Baracat	Plastpel
2º Vice-Presidente	Sergio Haberfeld	Toga
3º Vice-Presidente	Otávio Justa Neto	Master
4º Vice-Presidente	Celso Luiz Gusso	Arauplast
1º Secretário	Vinicius Eurico Fornari Filho	Pan Plastic
2º Secretário	Sandro Sachetti	Inesa
1º Tesoureiro	Alberto Dayan	Zaraplast
2º Tesoureiro	José Alvaro de Paula Souza	Plastic Foil
Diretor Adjunto	Salim Abujamra Neto	Centroplast
Diretor Adjunto	Benedicto Bernardo Ferraciu	Propack
Diretor Adjunto	Roberto Tubel	Itap
Diretor Adjunto	José Alvaro de Paula Souza	Plastic Foil
Diretor Adjunto	Roberto Tubel	Itap
Diretor Adjunto	Maurício Magalhães Stern	Termoplast
Diretor Adjunto	Alberto Geronimi	Tecnoval
Diretor Adjunto	Américo Vinicius Lucas de Carvalho	Ag Remy
Diretor Adjunto	Carlos Alberto Fiss	Pelicano
Diretor Adjunto	Mario Schlickmann	Incoplast

Conselho Fiscal

Presidente	Fernando Marcondes de Mattos	Inplac
Membro	José Nastri	Tecaplast
Membro	Orlando Coelho	Nagassara
1º Suplente	Peter Reiter	Packtec
2º Suplente	Paulo Cimerman	Flexiplastic
3º Suplente	David Wong	Plasbag

DIRETORIA ABIEF – 1997 / 1999

PRESIDENTE: ISRAEL SVERNER

Diretoria

CARGO	REPRESENTANTE	EMPRESA
Presidente	Israel Svener	Electro Plastic
1º Vice-Presidente	Sergio Haberfeld	Dixie Toga
2º Vice-Presidente	Eduardo Antonio Baracat	Plastpel
3º Vice-Presidente	Alexandre Nunes Silva	Plasc
4º Vice-Presidente	Celso Luiz Gusso	Arauplast
1º Secretário	Luciano de Castro Vallejo	Regmar
2º Secretário	Peter Reiter	Packtec
1º Tesoureiro	Alberto Dayan	Zaraplast
2º Tesoureiro	José Alvaro de Paula Souza	Plastic Foil
Diretor Adjunto	Fernando Marcondes de Mattos	Inplac
Diretor Adjunto	Benedicto Bernardo Ferraciu	Propack
Diretor Adjunto	Roberto Tubel	Itap
Diretor Adjunto	Orlando Coelho	Nagassara
Diretor Adjunto	Edgard Namim Haddad	Plastunion
Diretor Adjunto	Alberto Geronimi	Tecnoval
Diretor Adjunto	Américo Vinicius Lucas de Carvalho	Ag Remy
Diretor Adjunto	Carlos Alberto Fiss	Pelicano
Diretor Adjunto	Mario Schlickmann	Incoplast

Conselho Fiscal

Presidente	Feres Abujamra	Plasco
Membro	Maurício Magalhães Stern	Termoplast
Membro	Ezra Negrin	Nortene
1º Suplente	David Wong	Plasbag
2º Suplente	Dirceu Antonio Galléas	Macroplastic
3º Suplente	Christine Betke Gut	Eco Plastic

DIRETORIA ABIEF – 1999 / 2001

PRESIDENTE: ISRAEL SVERNER

Diretoria

CARGO	REPRESENTANTE	EMPRESA
Presidente	Israel Svener	Electro Plastic
1º Vice-Presidente	Sergio Haberfeld	Dixie Toga
2º Vice-Presidente	Eduardo Antonio Baracat	Plastpel
3º Vice-Presidente	Maurício Magalhães Stern	Termoplast
4º Vice-Presidente	Celso Luiz Gusso	Arauplast
1º Secretário	Christine Betke Gut	Eco Plastic
2º Secretário	Peter Reiter	Packtec
1º Tesoureiro	Benedicto Bernardo Ferraciu	Propack
2º Tesoureiro	José Alvaro de Paula Souza	Plastic Foil
Diretor Adjunto	Fernando Marcondes de Mattos	Inplac
Diretor Adjunto	Américo Vinicius Lucas de Carvalho	Ag Remy
Diretor Adjunto	Alexandre Nunes da Silva	Plasc
Diretor Adjunto	Orlando Coelho	Nagassara
Diretor Adjunto	Edgard Namim Haddad	Plastunion
Diretor Adjunto	Alberto Geronimi	Tecnoval
Diretor Adjunto	Dirceu Antonio Galléas	Macroplastic
Diretor Adjunto	Carlos Alberto Fiss	Pelicano
Diretor Adjunto	Mario Schlickmann	Incoplast
Diretor Adjunto	Alberto Dayan	Zaraplast

Conselho Fiscal

Presidente	Feres Abujamra	Plasco
Membro	Luciano Castro Vallejo	Regmar
Membro	Ezra Negrin	Nortene
1º Suplente	David Wong	Plasbag
2º Suplente	Roberto Tubel	Santa Rosa
3º Suplente	Rogério Mani	Polo Limão



DIRETORIA ABIEF – 2001 / 2003

PRESIDENTE: SERGIO HABERFELD

Diretoria

CARGO	REPRESENTANTE	EMPRESA
Presidente	Sergio Habersfeld	Dixie Toga
1º Vice-Presidente	Celso Luiz Gusso	Arauplast
1º Secretário	Christine Betke Gut	Eco Plastic
1º Tesoureiro	Ronaldo Lopes Canteiro	Embaquim
Diretor Adjunto	Marco Antonio Ferrarolli Santos	Alcan
Diretor Adjunto	João Malandrin Andrijic Neto	Majicplast
Diretor Adjunto	Oswaldo Rezende Filho	CBS
Diretor Adjunto	Lars Nyh	Allpac
Diretor Adjunto	Benedicto Bernardo Ferracciu	Propack
Diretor Adjunto	José dos Santos Nascimento	Cryovac
Diretor Adjunto	Jorge Luiz Machado Furtado	CRP
Diretor Adjunto	Melito Schlickmann	Incoplast
Diretor Adjunto	Laszlo Andras Sved	Ad Lider
Diretor Adjunto	Giovanni de Souza Souto	Tubolar

Conselho Fiscal

Presidente	Luiz Artur Ledur Brito	Itap Bemis
Membro	Rogério Mani	Sol PP
Membro	Luciano Fantozzi	Sucaplast
1º Suplente	Hermes Moura	Lord
2º Suplente	Paulo Flores Neppe	MN
3º Suplente	Luiz Carlos Gonçalves Costa	Unipropi

DIRETORIA ABIEF – 2003 / 2005

PRESIDENTE: SERGIO HABERFELD

Diretoria

CARGO	REPRESENTANTE	EMPRESA
Presidente	Sergio Habersfeld	Dixie Toga
1º Vice-Presidente	Rogério Mani	Sol PP
2º Vice-Presidente	Alberto Dayan	Zaraplast
3º Vice-Presidente	Melito Schlickmann	Incoplast
4º Vice-Presidente	Orlando Coelho	Nagassara
1º Secretário	Eduardo Antonio Baracat	Plastpel
2º Secretário	Oswaldo Rezende Filho	CBS
1º Tesoureiro	Ronaldo Lopes Canteiro	Embaquim
2º Tesoureiro	Lars Nyh	Allpac
Diretor Adjunto	Alberto Geronimi	Tecnoval
Diretor Adjunto	Andrés Navarro Sanchez	Sol América
Diretor Adjunto	Beni Adler	Nobelplast
Diretor Adjunto	Edgard Nami Haddad	Plastunion
Diretor Adjunto	José Carlos Calió Foresti	Scipião
Diretor Adjunto	Hermes Moura	Lord
Diretor Adjunto	Paulo Roberto Bueno Salles	CRP
Diretor Adjunto	Melito Schlickmann	Incoplast
Diretor Adjunto	Peter Reiter	Packtec
Diretor Adjunto	Silvio Silva	Meccaplast

Conselho Fiscal

Presidente	Israel Sverner	Electro Plastic
Membro	Celso Luiz Gusso	Arauplast
Membro	Luciano Fantozzi	Sucaplast
1º Suplente	Benedicto Bernardo Ferracciu	Propack
2º Suplente	João Malandrin Andrijic Neto	Majicplast
3º Suplente	Paulo Flores Neppe	MN

Comissão De Coordenação de Política Setorial

Coordenador	Leonidas Alperowitch	Replac
--------------------	----------------------	--------

DIRETORIA ABIEF – 2005 / 2007

PRESIDENTE: ROGÉRIO MANI

Diretoria

CARGO	REPRESENTANTE	EMPRESA
Presidente	Rogério Mani	Sol PP
1º Vice-Presidente	Dirceu Antonio Galléas	Macroplastic
2º Vice-Presidente	Melito Schlickmann	Incoplast
3º Vice-Presidente	Hermes Moura	Lord
4º Vice-Presidente	Beni Adler	Nobelplast
1º Secretário	Eduardo Antonio Baracat	Plastpel
2º Secretário	Luiz Carlos Gonçalves Costa	Unipropi
1º Tesoureiro	Ronaldo Lopes Canteiro	Embaquim
2º Tesoureiro	Teddy Djmal	Allpac
Diretor Adjunto	Alberto Geronimi	Tecnoval
Diretor Adjunto	Andrés Navarro Sanchez	Sol América
Diretor Adjunto	Jorge Luiz Biasuz Meister	Plastmax
Diretor Adjunto	José Guilherme Rizzo Fichtner	Pampa
Diretor Adjunto	José Carlos Calió Foresti	Scipião
Diretor Adjunto	Maurício Stern	Termoplast
Diretor Adjunto	Peter Reiter	Packteck
Diretor Adjunto	Melito Schlickmann	Incoplast

Conselho Fiscal

Presidente	Israel Sverner	Electro Plastic
Membro	Shirley Fantozzi	Plasfan
Membro	Sergio Carneiro	SR
1º Suplente	João Malandrin Andrijic Neto	Majicplast
2º Suplente	Paulo Roberto Bueno Salles	CRP
3º Suplente	Dov Gerzgorin	Packfilm

Comissão De Coordenação De Política Setorial

Coordenador	Leonidas Alperowitch	Replac
--------------------	----------------------	--------

DIRETORIA ABIEF – 2007 A 2009

PRESIDENTE: ROGÉRIO MANI

Conselho de Administração

Presidente	Rogério Mani	EPEMA
1º Vice-Presidente	Dirceu Antonio Galléas	MACROPLASTIC
2º Vice-Presidente	Alfredo Felipe de O. Schmitt	FFS FILMES
3º Vice-Presidente	Hermes Elias Moura	LORD
4º Vice-Presidente	Beni Adler	NOBELPLAST
1º Secretário	Eduardo Antonio Baracat	PLASTPEL
2º Secretário	Sérgio M. Carneiro Filho	SR
1º Tesoureiro	Laura Canteiro	EMBAQUIM
2º Tesoureiro	José Carlos Calió Foresti	SCIPIÃO
Diretor Adjunto	Alberto Geronimi	TECNOVAL
Diretor Adjunto	Eli Kattan	ZARAPLAST
Diretor Adjunto	João Malandrin A. Neto	MAJICPLAST
Diretor Adjunto	Joel da Silva Gomes	RHOTOPLAS
Diretor Adjunto	Melito Schlickmann	INCOPLAST
Diretor Adjunto	Oswaldo Rezende Filho	CBS
Diretor Adjunto	Peter Reiter	PACKDUQUE
Diretor Adjunto	Shirley Fantozzi	PLASFAN
Diretor Adjunto	Teddy Djmal	ALTAPLAST
Diretor Adjunto	Valmor Picolo	ZIVALPLAST

Conselho Fiscal

Presidente	Israel Sverner	ELECTRO PLASTIC
Membro	Dov Gerzgorin	PACKFILM
Membro	Paulo Roberto B. Salles	CRP
1º Suplente	Rodrigo Z. Bueno	PLASTSEVEN
2º Suplente	Maurício Montoro Groke	ANTILHAS
3º Suplente	Camilo Bezerra da Cunha	SAKPAC

Comissão De Coordenação De Política Setorial

Coordenador	Leonidas Alperowitch	Replac
--------------------	----------------------	--------



DIRETORIA ABIEF - 2009 A 2011

PRESIDENTE: ALFREDO SCHMITT

Conselho de Administração

Presidente	Alfredo Felipe O. Schmitt	FFS FILMES
1º Vice-Presidente	Hermes Elias Moura	LORD
2º Vice-Presidente	Alberto Geronimi	TECNOVAL
3º Vice-Presidente	Beni Adler	NOBELPLAST
4º Vice-Presidente	Melito Schlickmann	INCOPLAST
1º Secretário	Eli Kattan	ZARAPLAST
2º Secretário	Dov Gerzgorin	PACKFILM
1º Tesoureiro	José Carlos Calió Foresti	SCIPIÃO
2º Tesoureiro	Oswaldo Rezende Filho	CBS
Diretor Adjunto	Dirceu Antonio Galléas	MACROPLASTIC
Diretor Adjunto	Eduardo Antonio Baracat	PLASTPEL
Diretor Adjunto	João Malandrin A. Neto	MAJICPLAST
Diretor Adjunto	Maurício Montoro Groke	ANTILHAS
Diretor Adjunto	Paul Reiter	PACKDUQUE
Diretor Adjunto	Paulo Machado	PINCELLI
Diretor Adjunto	Rogério Mani	EPEMA
Diretor Adjunto	Rodrigo Z. Bueno	PLASTSEVEN
Diretor Adjunto	Shirley Fantozzi	PLASFAN
Diretor Adjunto	Valmor Picolo	ZIVALPLAST

Conselho Fiscal

Presidente	Israel Sverner	ELECTRO
Membro	Paulo Roberto B. Salles	CRP
Membro	Sergio Carneiro Filho	SR
1º Suplente	Alessandra Zambaldi	ALPES
2º Suplente	Camilo Bezerra	SACKPAC
3º Suplente	Laura Canteiro	EMBAQUIM

Comissão De Coordenação De Política Setorial

Coordenador	Leonidas Alperowitch	Replac
--------------------	----------------------	--------

DIRETORIA ABIEF - 2011 A 2013

PRESIDENTE: ALFREDO SCHMITT

Conselho de Administração

Presidente	Alfredo Felipe O. Schmitt	FFS FILMES
1º Vice-Presidente	Hermes Elias Moura	LORD
2º Vice-Presidente	Alberto Geronimi	TECNOVAL
3º Vice-Presidente	Israel Sverner	ELECTRO
4º Vice-Presidente	Beni Adler	NOBELPLAST
1º Secretário	Dov Gerzgorin	PACKFILM
2º Secretário	Eli kattan	ZARAPLAST
1º Tesoureiro	José Carlos Calió Foresti	SCIPIÃO
2º Tesoureiro	Oswaldo Rezende Filho	CBS
Diretor Adjunto	Dirceu Antonio Galléas	MACROPLASTIC
Diretor Adjunto	Dirceu Varejão	VITPEL
Diretor Adjunto	Eduardo Antonio Baracat	PLASTPEL
Diretor Adjunto	João Malandrin A. Neto	MAJICPLAST
Diretor Adjunto	Maurício Montoro Groke	INTEGRALLE
Diretor Adjunto	Rene Brunelli	PP PRINT
Diretor Adjunto	Rogério Mani	EPEMA
Diretor Adjunto	Shirley Fantozzi	PLASFAN
Diretor Adjunto	Teddy Djmal	ALTAPLAST
Diretor Adjunto	Valmor Picolo	ZIVALPLAST

Conselho Fiscal

Presidente	Paulo Roberto B. Salles	CRP
Membro	Sergio Carneiro Filho	SR
Membro	Alessandra Zambaldi	ALPES
1º Suplente	Laura Canteiro	EMBAQUIM
2º Suplente	Nabil Hanna	CAMADA
3º Suplente	Paul Reiter	PACKDUQUE

Comissão De Coordenação de Política Setorial

Coordenador	Leonidas Alperowitch	Replac
--------------------	----------------------	--------

DIRETORIA ABIEF - 2013 A 2014

PRESIDENTE: SERGIO CARNEIRO

Conselho de Administração

Presidente	Sergio Carneiro Filho	SR
1º Vice-Presidente	Herman Brian Elias Moura	LORD
2º Vice-Presidente	Teddy Djmal	ALTAPLAST
3º Vice-Presidente	Stefano Geronimi	VALFILM
4º Vice-Presidente	Beni Adler	NOBELPLAST
1º Secretário	Dirceu Varejão	VITPEL
2º Secretário	Dov Gerzgorin	PACKFILM
1º Tesoureiro	José Carlos Calió Foresti	SCIPIÃO
2º Tesoureiro	Oswaldo Rezende Filho	CBS
Diretor Adjunto	Alfredo Felipe O. Schmitt	FFS FILMES
Diretor Adjunto	Eduardo Antonio Baracat	PLASTPEL
Diretor Adjunto	Eduardo Scodro	CEPALGO
Diretor Adjunto	Eli Kattan	ZARAPLAST
Diretor Adjunto	Kleiton Pereira do Carmo	PLASDIL
Diretor Adjunto	Paul Reiter	PACKDUQUE
Diretor Adjunto	Reginaldo José Melão	PLASMEL
Diretor Adjunto	Rodrigo Zanco Bueno	PLASTSEVEN
Diretor Adjunto	Rogério Mani	EPEMA
Diretor Adjunto	Valmor Picolo	ZIVALPLAST

Conselho Fiscal

Presidente	Israel Sverner	ELECTRO
Membro	Laura Canteiro	EMBAQUIM
Membro	Paulo Roberto B. Salles	CRP
1º Suplente	Rene Brunelli	PP PRINT
2º Suplente	Nabil Hanna	CAMADA
3º Suplente	Anamélia Hurtado	NEOPLASTIC

Comissão de Coordenação de Política Setorial

Coordenador	Leonidas Alperowitch	Replac
--------------------	----------------------	--------

DIRETORIA ABIEF - 2014 A 2015

PRESIDENTE: SERGIO CARNEIRO

Conselho de Administração

Presidente	Sergio Carneiro Filho	SR
1º Vice-Presidente	Herman Brian Elias Moura	LORD
2º Vice-Presidente	Teddy Djmal	ALTAPLAST
3º Vice-Presidente	Stefano Geronimi	VALFILM
4º Vice-Presidente	Beni Adler	NOBELPLAST
1º Secretário	Mario Schlickmann	COPOBRAS
2º Secretário	Dov Gerzgorin	PACKFILM
1º Tesoureiro	José Carlos Calió Foresti	SCIPIÃO
2º Tesoureiro	Oswaldo Rezende Filho	CBS
Diretor Adjunto	Alfredo Felipe O. Schmitt	FFS FILMES
Diretor Adjunto	Eduardo Antonio Baracat	PLASTPEL
Diretor Adjunto	Eduardo Scodro	CEPALGO
Diretor Adjunto	Eli Kattan	ZARAPLAST
Diretor Adjunto	Kleiton Pereira do Carmo	PLASDIL
Diretor Adjunto	Paul Reiter	EUROPACK
Diretor Adjunto	Reginaldo José Melão	PLASMEL
Diretor Adjunto	Rodrigo Zanco Bueno	PLASTSEVEN
Diretor Adjunto	Rogério Mani	EPEMA
Diretor Adjunto	Valmor Picolo	ZIVALPLAST

Conselho Fiscal

Presidente	Israel Sverner	ELECTRO
Membro	Laura Canteiro	EMBAQUIM
Membro	Paulo Roberto B. Salles	CRP
1º Suplente	Rene Brunelli	PP PRINT
2º Suplente	Nabil Hanna	CAMADA
3º Suplente	Cecília Kuk	NOLD POLITECH

Comissão de Coordenação de Política Setorial

Coordenador	Leonidas Alperowitch	Replac
--------------------	----------------------	--------

A ABIEF agradece a todos os seus parceiros, presidentes e diretores que ajudaram a construir e a fortalecer a nossa trajetória nesses **35 anos de existência**

**Os realizadores
agradecem a:**

Ângela Maria Fontes (ABIEF)

Esmeralda Frias (ABIEF)

Fábio Mestriner (consultor)

Thairine Freire (ABIEF)

Sergio Carneiro (ABIEF)

Diretoria ABIEF

